



ADMINISTRADOR

António Dias

CORPO DE REDACÇÃO

Fernando Caetano; Renato Brito, redactor principal
Carlos Alberto da Silva secretário

DIRECTOR

José C. da Fonseca

N.ºs 66-67 — 9.º ano

Comp. e Imp. na Tip. do Inst. Prof. aos Pup. do Exército

Fevereiro a Junho de 1924

Com.º Antonio Ferreira de Sousa

Referimo-nos numa outra local de *O Profissional* ao falecimento do Ex.º Dr. Lino Ferreira, Tenente Coronel médico e Professor da 2.ª secção do Instituto.

Não quiz porém o Destino que no mesmo número, o *Profissional* se referisse somente a esta fúnebre notícia, como se ela não fôsse suficiente para magoar e entristecer profundamente todos quantos conheciam tão alto modelo de virtudes, chorando sentidos a sua Morte. Foi mais rude e violento. Mal começávamos a habituar-nos a sentir a falta que o seu desaparecimento provocara em nossos corações, quando uma nova e lamentável desgraça veio enlutar o Instituto: o falecimento do nosso querido Regente da 2.ª secção, Capitão Tenente António Ferreira de Sousa.

Eu nem sei como explicar a situação que estas duas surpresas nos causaram. Ficámos estarelecidos. E se ainda hoje nos puzermos a meditar no passado, ainda nos parece impossível como tais factos se deram. Parecem-nos uma mera ilusão, um sonho triste que todavia, e infelizmente, é a realidade.

Era tal o costume em que nos tínhamos colocado de ver ôstes dois nossos diletos Mestres e Amigos, um logo de manhã à hora da consulta ou da aula e o outro constantemente à saída das aulas, das oficinas ou de quaisquer outros trabalhos escolares em que nos ocupávamos, que ainda quasi não queremos crer na realidade dos factos.

Roubou-nos-os a Morte, sempre inexorável na escolha daqueles que sacrifica para vítimas, e como não estava ao nosso alcance o poder preciso para os livrar de tão cruel sina, tivemos de nos resignar a vê-los desaparecer, tal como a noitinha vemos sumir-se o sol que horas antes brillava esplendoroso.

O Comandante António Ferreira de Sousa nascera em Coruche a 6 de Agosto de 1878, contando portanto apenas 45 anos de idade; era filho de António Ferreira de Sousa e de D. Joaquina Rosa de Oliveira.

Tendo assentado praça como voluntário em 5 de Agosto de 1899 foi pouco depois transferido para o serviço da Armada, em 6 de Novembro no mesmo ano. Concluiu o curso da Escola Naval, sendo promovido a Guarda Marinha em 29 de Setembro de 1903.

e daí foi subindo sucessivamente até capitão-tenente, pôsto a que foi promovido em 25 de Junho de 1919.

Tinha sido louvado por várias vezes nos serviços que tinha prestado e era Condecorado com a Medalha Militar da Classe do comportamento Exemplar, Grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Aviz e com o grau de Comendador da mesma Ordem.

Embarcou em vários navios onde sempre deu mostras da sua competência e energia e em 17-6-1911 foi pela primeira vez nomeado professor efectivo do Instituto. Foi mais tarde exonerado a seu pedido d'este cargo, o qual voltou a ocupar logo em seguida, por despacho ministerial de 8 de Janeiro de 1913.

Foi desde então que elle começou a dedicar-se ao engrandecimento do Instituto, que lhe passou a absorver tôdas as atenções.

Está na memória de todos, as sucessivas transformações porque elle fez passar a 2.^a Secção de que era Regente, e os constantes melhoramentos que cá vinha introduzindo.

Tendo apenas em vista engrandecer cada vez mais o Instituto, dedicou-se a essa obra de alma e coração, com uma energia e com uma fé inabaláveis, não se deixando nunca invadir pelo desânimo ou pela descrença. E no entanto, elle teve a vencer um dos mais tenebrosos obstáculos que podem opor-se à realização duma grande Obra: a falta de dinheiro, que mal chegando para fazer face às despesas de alimentação e vestuário dos alunos, muito menos podia chegar para edificar e construir pavilhões que de ano para ano se iam tornando indispensáveis.

Os cursos do Instituto que a princípio eram destituídos de orientação definida foi-os a pouco e pouco regulamentando. Mas era preciso dar mais saídas aos alunos, facultando-lhes o ingresso nas Escolas Superiores, e então começou a germinar-lhe a ideia de elevar o Instituto à categoria de Escola de Ensino Médio, o que conseguiu.

Efectivamente tendo feito parte da Comissão encarregada de estudar e propor as modificações a introduzir na legislação referente aos estabelecimentos da Obra Social e Tutelar dos Exércitos de Terra e Mar, elle conseguiu ver coroados de êxito os seus planos, pois as suas propostas foram aceites e aprovadas pelo Parlamento. E por um decreto de Setembro de 1921, o Instituto Profissional dos Pupilos do Exército passava a ser um Instituto Médio de Comércio e da Indústria, com tôdas as regalias dos Institutos do mesmo género existentes no país.

Estava realizado o seu maior Sonho! Estavam definitivamente abertas para os alunos as portas dos Institutos Superiores, da Escola Militar e da Escola Naval!

E agora que a sua obra estava em vias de consolidação, quando já não havia mais a fazer do que dar aqui dentro a realização prática ao diploma aprovado pelo Parlamento, que tôra o producto de tantos esforços e canceiras, veio a Morte impiedosa e sacrificou-o num momento à sua voragem.

José Coelho da Fonseca

O Profissional apresenta à família enlutada, as suas mais sinceras condolências.

A Direcção.

"O PROFISSIONAL"

Sai este número com o rasoável atrazo de 3 meses. Razões de várias ordens a que é extranha a nossa vontade, assim o quizeram.

Primeiro os falecimentos do Ex.^{mo} Dr. Lino Ferreira e do Ex.^{mo} Com.^{te} Ferreira de Sousa obrigaram-nos a retardar a saída do mensário juntando dois números num só, para nos ser possível a publicação das suas fotografias.

Depois o facto de a nossa oficina de Typografia não poder dar andamento aos trabalhos de composição, devido à urgência de algumas encomendas de fora, remuneradas (e que portanto tinham a preferência), fizeram que a saída do mensário (como trabalho secundário) fôsse sendo cada vez mais retardada.

Finalmente, quando já estava composto, a inutilização da máquina de impressão por se ter partido uma peça importante, ainda mais veio contribuir para a enormidade dêsse atrazo. Como consequência de tudo isto vimo-nos na necessidade de mandar imprimir *O Profissional* numa oficina particular, o que aumentando extraordinariamente as nossas despesas habituais nos obrigou a atribuir-lhe um preço especial um pouco elevado, mas nós estamos certos que os nossos leitores compreendendo a nossa situação nos acolherão com a sua habitual benevolência.

Sai portanto, *O Profissional* que devia ser referente aos meses de Fevereiro e Março, referente aos de Fevereiro a Junho, mas, apenas como dois números que na realidade são.

A Direcção



António Ferreira de Sousa

Capitão-Tenente

A Atlântida

—

A Atlântida, essa terra lendária cuja memória os nossos antepassados nos legaram envolvida na lenda, como um sonho de fadas, como um mistério envolto em trevas, e que Platão immortalizou nas suas obras, bem como outros filósofos gregos e romanos, aparece-nos agora graças a um trabalho dum sábio francês, Mr. Termier, clara e precisamente explicada como sendo um facto.

Está hoje absolutamente identificada a tradição quimérica dum continente que a fantasia do povo revestia de encantos que a envolviam espessamente e que Buffon e Tournefort afirmaram ter existido.

Essa lenda onde Platão se inspirou, a lenda que, enfim, Platão deixou escrita para jámais se apagarem os seus vestígios, está hoje transformada em realidade, como o afirma Mr. Termier num trabalho que a illustração franceza *Je sais tout* de 15 de Abril de 1923 resume num artigo deveras interessante.

Mr. Termier funda as suas afirmações em quatro ramos da sciência: a oceanografia, geologia, botânica e zoologia.

Oceanografia — Esta sciência relativamente moderna, e á qual o príncipe de Mónaco, que há pouco tempo visitou Lisboa, tem dado um grande incremento, diz-nos que ao contrário do que sucede no Continente, onde os vulcões estão quasi todos extintos, o fundo do Atlântico na faixa que vai pouco mais ou menos da Ilha Tristão da Cunha á Islândia, passando por Santa Helena, Ascensão, Canárias, Madeira e Açores, está quasi completamente semeado de vulcões em plena actividade.

Daqui se vê claramente quão sujeitos a cataclismos se encontram os terrenos que o constituem.

Pode por conseguinte admitir-se já a hipótese de ter sido a Atlântida fantásticamente engulida pelas águas do Oceano, dada a natureza vulcânica dessa região, tal como aconteceu ainda há pouco tempo quando do cataclismo do Japão em que desapareceram arquipélagos inteiros, quasi que misteriosamente.

Geologia — No fim da Era Terciária, a Europa achava-se já separada, mas existia para além da coluna de Hércules uma massa que se estendia para além até ás Antilhas.

Mas será verosímil a ideia de que ela foi tragada pelo cataclismo vulcânico, que deixou como testemunhas horrorizadas e

que se petrificaram, os Açores, Madeira e as Canárias?

E é, porque a constituição geológica dos terrenos que constituem estas ilhas, apresentam na sua cor vermelha, negra e branca, ou cinzento-claro, um aspecto de lavas, que são o testemunho evidente do que se afirma.

A Zoologia — Por outro lado, a fauna das Canárias apresenta algumas espécies de moluscos que só existem na Mauritânia e nas Antilhas.

Botânica — Existem em Tenerife algumas espécies botânicas que se encontram nos terrenos terciários de Portugal.

Ora como se vê, tudo isto nos leva a admitir como certa a existência dêsse lendário continente.

Poder-se-á admitir que a Europa Ocidental tósse habitada pelo homem na época terciária para que elle podesse presenciar a terrível catástrofe e transmiti-la de geração em geração até nós?

Este era o ponto obscuro, e que Mr. Termier acaba de esclarecer, lançando onde havia trevas, a luz viva e forte da sciência.

Mr. Termier, preocupado com os estudos sobre o passado da humanidade, encontrava-se em Ipswich, um pouco ao norte de Cambridge em pesquisas pré-históricas, por serem estes terrenos muito ricos em despojos desta natureza.

Nestas pesquisas deparou com um facto muito importante: encontrou em terrenos manifestamente terciários, com tôdas as suas características, objetos talhados pela mão do homem.

Julgou porém que fossem fenómenos naturais que lhe tivessem dado essa forma.

Mas depois de ter consultado grandes capacidades, altas competências no assunto, chegou á conclusão de que eram trabalho, e inteligência humanas.

Esta descoberta veio alterar tôdas as ideias e opiniões existentes até agora sobre a origem quaternária do homem, colocando-a numa plaga perdida na consumação longínqua da época terciária.

Eis como o homem na ância de desvendar, de descobrir horizontes mais largos, depara milhares de séculos para além, a silhueta do homem troglodita, do homem primitivo.

*

* *

Eis como o homem é fisicamente tão impotente, perante a atlética, iracunda e irras-

cível Natureza. Como dum sôpro ela anula todo o esforço dispendido durante milhares de séculos pelo homem; como dum trago a natureza destrói deixando vestígios indeléveis, a sua própria obra!

Eis quão insignificantes são as maiores inteligências humanas, que só passada uma eternidade encontram a explicação dum fenómeno tão insignificante para a Natureza.

Mas por mais insignificante e impotente que o homem seja, ficam sempre vestígios da sua existência: os vestígios da sua inteligência, da sua superioridade sobre os outros animais.

E foram esses vestígios que disseram ao homem de hoje, que ele é anterior à época quaternária, que a origem do homem vem de épocas mais difíceis, mais árduas, mais tempestuosas, mas que resistiu.

E quem nos diz a nós que os guandes que Jean Bettencourt em 1405 encontrou sobre os despojos que restam à flor da água de tudo o que foi a Atlântida, não eram Atlantes, seres humanos isolados, sem comunicação com a vida dos outros povos, exilados pela Natureza, naufragos dessa tremenda tempestade, refugiados num palmo de terra que encontraram firme?

Renato Brito

2.º ano médio

Direito Comercial

P. — António comprou a Pedro certa mercadoria por 20.000\$00. Pedro não quiz aceitar dizendo que o contracto tinha sido por 22 000\$00.

António, na certeza do contracto, visto que tem provas, sem consultar advogado fez um depósito na Caixa Económica Portuguesa da Caixa Geral dos Depósitos, julgando que assim pagaria nos termos do art. 759.º e seg. do Código Civil e 628.º e seg. do Código Comercial.

António e Pedro são comerciantes. Pergunta-se: António pagou directa ou indirectamente a mercadoria?

Se não pagou, que acto praticou António para com Pedro com aquele depósito?

Mais tarde, porque Pedro não levantou os 20.000\$00, pretendeu António levantá-los. Para isso é necessário desfazer as circunstâncias e a fórmula do depósito, e provar que é António o titular do mesmo depósito.

Qual é o Tribunal competente: o Commercial ou o Civil?

Examine estes actos relativamente à ques-

tão sob o ponto de vista objectivo e subjectivo.

R. — António pagou directa ou indirectamente a mercadoria?

Para que isso tivesse sucedido era preciso que o depósito fôsse feito judicialmente, como dispõe o art. 759.º do Código Civil.

Ele não o fez e por conseguinte não pagou.

Em virtude disto pergunta-se: Que acto praticou António para com Pedro com aquele depósito?

António se não pagou e se o depositou em nome de Pedro, doou-lhe os 20.000\$00.

Como mais tarde, em virtude de Pedro não ter levantado o dinheiro o quiz António fazer, pergunta-se: qual é o Tribunal a que ele deve recorrer para anular o depósito?

Temos que ver primeiro se o acto praticado por António é civil ou commercial, porque conforme se dá um ou outro caso assim nós ficamos habilitados a responder à pergunta.

Como os actos commerciaes podem ser objectivos e subjectivos nós temos que:

Sob o ponto de vista objectivo não é commercial, pois que o depósito não foi feito em géneros ou mercadorias destinados a qualquer acto de comércio como dispõe o art. 403.º do C. Commercial.

Mas subjectivamente, é ou não é commercial?

Ora vejamos: A 2.ª parte do art. 2.º do Código Commercial, onde se definem os actos commerciaes subjectivos, diz-nos: ...e além deles todos os contractos e obrigações dos commerciantes, que forem de natureza exclusivamente civil, se o contrário do próprio acto não resultar.

O grande contabilista Manara, esclarecendo o art. 4.º do Código italiano — fonte do nosso — na expressão: *Se o contrário do próprio acto não resultar*, diz que se deve atender unicamente ao próprio acto isto é, ao acto no momento da sua realização, e independentemente das causas posteriores que nos demonstrem o contrário.

Concretizando: António, ao depositar os 20.000\$00 queria ou não praticar um acto de comércio? Queria.

Logo, sendo assim, o acto é subjectivamente commercial, e portanto o Tribunal competente para resolver o assunto é o Tribunal do Comércio, a quem António tem de recorrer, para anular o depósito e levantar o dinheiro.

José Coelho da Fonseca

2.º ano médio

A Indústria do Vidro

Noções históricas

A indústria do vidro, hoje tão perfeita, não é uma indústria de origem moderna.

Plínio, célebre historiador latino, conta que tendo alguns comerciantes fenícios parado na foz do rio Belo, na Síria, com o fim de descansar e comerem uma refeição, tomaram pedaços de carbonato de soda natural, um dos artigos em que comerciavam, para assim susterm as vasilhas que continham os alimentos; ora o fogo, fundindo as areias do lugar onde estavam confeccionando os alimentos combinou-as com a soda e os negociantes fenícios puderam ver correr por debaixo das vasilhas um líquido que inteiramente desconheciam: o vidro em fusão.

Não é só Plínio quem cita este episódio: Flávio Josefo e Tácito (que foram também historiadores latinos e que viveram no começo da era cristã) a ele se referem com maiores ou menores modificações.

Ora é sabido que só a uma elevada temperatura (1.000 a 1.500 graus) se pode dar o caso que Plínio narra. E' esta a razão porque os químicos de hoje não acreditam na veracidade do facto. Mas isto não é razão para pensarmos que o aparecimento do vidro não é tão antigo como se julga, pois se atendermos a que foram encontradas estátuas e baixos relevos em Tebas que demonstram a sua descoberta, podemos attribuir-lhe mais de 30 séculos de existência.

Em vista disto é-nos permitido considerar os egípcios como os primeiros vidreiros sob o ponto de vista de antiguidade. A arte egípcia espalhou-se a todos os povos que com elles estiveram em contacto. Estão neste caso os romanos que chegaram a ser habiliísimos mestres nesta indústria, praticando em alto grau de desenvolvimento a lapidação, a pintura e a gravura.

Os romanos por sua vez, fizeram influencia a sua arte na Península onde chegou a ser próspera, mas que devido aos Bárbaros, não ponde continuar e veio quasi totalmente a morrer.

Porém, se a arte romana morria na península, espalhava-se com grande incremento no Oriente pois que Constantino tinha mudado para ali a capital do Império Romano. Foi deste modo que nas regiões orientais a vidraria se desenvolveu, sendo os operários protegidos pelos soberanos, chegando um deles, o imperador Teodósio II, a isentá-los de vários impostos.

Em Veneza, que tão célebre se tornou pelos seus productos, entraram no século XII da era de Cristo operários gregos que toram os que mais contribuíram para a riqueza da cidade. Aqui eram os vidreiros mais protegidos, mas a protecção que lhe dispensavam tornou-se em despotismo, pois que o chamado *Conselho dos dez* prohibia que saíssem para o estrangeiro.

O dito *Conselho dos dez* tomou conta das fábricas da ilha Murano com o fim de obstar a que se desse a emigração. Apesar disto, muitos fabricantes conseguiram iludir a vigilância que sobre elles se exercia e fugindo para a Alemanha ali começaram a modificar o processo de fabrico, diferindo os vidros alemães dos venezianos em que sobre aqueles se applicava o esmalte e depois neles se representavam geralmente figuras guerreiras, e os venezianos eram obras ornadas de leves filigranas.

O processo que se emprega para o vidro gravado e lapidado como o do vidro da Boémia, foi inventado por Gaspar Lehman, gravador na corte do Imperador Alemão Rodolfo II.

O escritor francês, Luis Figuier, afirma porém, que este modo de gravar o vidro já era conhecido dos antigos.

Seguindo na ordem dos países que primeiro tiveram fábricas de vidro vem a França em que elas foram prósperas durante o domínio romano. Passando por elas o tempo, morreram e só apareceram de novo no século XIII. Desta nação passou para a Inglaterra.

Hoje são estes dois países dos que nos oferecem melhores objectos feitos em vidro, sendo afamados os productos franceses de Baccarat e de Clichy.

O governo francês dava tanta importância aos fabricantes de vidro que para os honrar criou uma classe chamada a dos *gentis-homens vidreiros*.

Quanto ao nosso país há escritores que afirmam ter havido fábricas no século XVI. Faltam porém documentos verdadeiros para podermos acreditar em tal. O que se sabe ao certo, é que no século XVII se fundou uma fábrica de vidros no nosso país.

No tempo de D. José I, e devido à iniciativa do Marquez de Pombal, fundou-se a fábrica da Marinha Grande. Desde então outras se criaram em Portugal, que contudo não tem acompanhado o desenvolvimento que no estrangeiro se dá a este tão útil ramo da indústria humana.

Sebastião dos Santos Pereira
2.º ano Geral

Saúdosa Homenagem

Faleceu no dia 12 de Fevereiro o nosso querido professor e clínico Sr. tenente-coronel médico Lino Ferreira.

O seu desaparecimento foi rápido, momentâneo e indiscreto. Havia dois dias ainda que nós o tínhamos saúdado à hora da consulta, aparentando boa disposição, com o seu livro debaixo do braço, chapéu para os olhos e o passo cadenciado peculiar de quem pesa as palavras que pronuncia e têm a preocupação de ser sério em todas as suas afirmações, e logo no fim desse espaço de tempo a lúgubre notícia chegou ao nosso conhecimento.

A Morte! A negra morte! A pérfida e traiçoeira arrebatou-o brutal e horrivelmente à vida que lhe sorria, à vida em que triunfava, à vida enfim onde a sua falta produziu um vácuo semelhante ao que se forma por sobre a aldeia sem o seu pastor.

Coração bellissimo, carácter imaculado e sério, ele conseguiu através da sua vida, quer nos momentos difíceis e angustiosos, quer nos momentos de alegria, a amizade e o respeito de todos.

Modelo de cidadão, assim o apontou um nosso professor, incitando-nos a que o imitássemos, pois que carácter nobre como o dele decerto não encontraríamos melhor.

Nós, alunos, sentimos profundamente a perda deste nosso professor pois ele era para nós não só o médico que zela pela nossa saúde ou o mestre que nos dá os ensinamentos que tão úteis são para a nossa vida futura, mas também um amigo pronto a defender e a proteger os seus alunos.

Os nossos corações enlutaram-se e a nossa alma de rapazes entristeceu-se... Tinha-se finado um amigo certo.

Em todos os actos da sua vida, desde os mais insignificantes aos mais difíceis, nós vemos claramente quão lúcida era a sua inteligência, quão nobre o seu carácter, e quão sabiamente se desempenhou sempre dos cargos que lhes destinaram.

Saindo habilitado com o curso do Colégio Militar, 1.º sargento graduado cadete, formou-se em medicina na Universidade de Coimbra. A 29 de Agosto de 1899, foi nomeado cirurgião-ajudante do Exército, sendo promovido a tenente. Em 1905 foi promovido por a capitão, e em 1918 a major.

Em 1 de Janeiro de 1921, foi promovido a tenente coronel, posto este em que foi nomeado professor da cadeira de Higiene no Instituto, desempenhando todavia havia muito tempo as funções de clínico.

Foi 24 anos oficial do exército, durante os quais conseguiu pelo seu porte e inteligência os mais dignos louvores e condecorações.

Assim, tendo exercido as suas funções no Depósito Central de Fardamentos, desempenhou-se por tal forma, que mereceu um louvor em ordem do Depósito Central de Fardamentos.

Mas a sua competência e o seu saber não foram somente observados no país, mas também nos campos da Flandres onde o seu nome foi mais uma inscrição lançada em honra e para honra do nosso Portugal.

Contribuiu com a sua cota parte para o esplendor e bom nome da Pátria.

Tendo sido nomeado para superintender e efectuar vários serviços, houve-se tão proficientemente, que mereceu dos seus superiores os mais rasgados elogios, merecendo especial referência os serviços prestados em Tournaville, na ambulância 3, onde pelas suas excelentes qualidades morais captou para a ambulância de que era chefe, uma excelente reputação quer das autoridades militares estrangeiras, quer mesmo da população civil.

Este distinto oficial, era condecorado com: a 3.ª classe da Ordem Militar de Aviz, medalha de prata de comportamento exemplar, medalha de ouro comemorativa da campanha da França, com a medalha inglesa «Officer of the British Empire» (Militar), e com a medalha de prata de bons serviços letra C.

Com consternação, prestamos ao morto as homenagens do mais profundo respeito, da maior gratidão e da mais santa admiração, que um inferior pode patentear à memória do que, pelo seu saber, pela sua inteligência e qualidades morais, conseguiu enraizar no nosso coração o respeito e admiração por ele.

Renato Brito

2.º ano médio

A família enlutada, enviam os alunos do Instituto dos Pupilos do Exército, a expressão mais sincera do sentido pesar pela triste morte de S. Ex.º o Sr. Tenente Coronel Lino Ferreira.

Os alunos do Instituto dos Pupilos do Exército



Dr. Lino Ferreira

Tenente-Coronel Médico

As conseqüências do álcool

O vinho é como os leitores sabem, o líquido que resulta da fermentação do mosto. Esta fermentação dá-se no açúcar existente no sumo da uva denominado *glicose* ou *glucose*.

O uso desta bebida veio ao que parece, da Grécia onde era empregado em libações aos deuses. É curioso como este costume chegou até nós, pois que ainda hoje é usada nas cerimónias religiosas.

O constante abuso do álcool é uma das grandes causas do definhamento das raças; por isso tem-se tentado por muitos processos combater o alcoolismo, o que é bastante difícil, não só pelas muitas maneiras da sua fabricação, como pelas variadíssimas formas de contrabando.

O povo que mais cedo começou esta árdua campanha, proibindo todas as bebidas que contivessem mais de $\frac{1}{2}\%$ de álcool, foi o americano. Os ingleses, vendo a sua raça a definhar-se dia a dia, fizeram várias campanhas lutando assim contra as causas da mortalidade infantil, e uma delas é o combate ao álcool, internando os alcoólicos em casas apropriadas, evitando assim que eles tomem bebidas que contenham álcool. Os doentes depois de estarem aí alguns anos saem com horror ao álcool, censurando todos os indivíduos que se embriagam.

Nota-se que em Portugal, especialmente em Lisboa, a vitalidade infantil está decrescendo assustadoramente.

Porque não fazemos nós como os ingleses?

O abuso das bebidas fermentadas causa irreparáveis prejuízos a todos os órgãos porque, sendo o sangue o transmissor deste veneno às várias partes do organismo, leva-o assim ao coração, pulmões, e ao sistema nervoso, fazendo com que as pessoas que dele abusam, percam toda a moral, amor à Patria e ao lar, tornando-se inúteis a si e à sociedade.

O aparelho genital e o fígado, sofrem também com o abuso do álcool, apesar deste conter substâncias anti-alcoólicas, que nos preservam de maiores danos, até que o uso seja frequente.

O álcool sendo ingerido em quantidades diminutas, excita o organismo e auxilia o estômago a digerir as gorduras. O primeiro efeito, é aproveitado nas guerras, quando a falta de ânimo predomina nos soldados, e assim os ingleses frequentes vezes, antes de

entrarem em combate, ingerem uma pequena dose de álcool, para que se encoragem. Sendo bebido em maiores quantidades produz a interpecação e em quantidades excessivas a intoxicação.

Para se explicar melhor estes três efeitos, conta-se a seguinte lenda:

«Bacho — deus do vinho, foi em creança passear à sua terra natal. No caminho, como o calor tösse excessivo, sentou-se à beira do caminho e viu junto de si uma planta pequenina muito tenra e viçosa.

Não resistiu e arrancou-a com todo o cuidado. Como não tivesse qualquer vaso onde a pudesse transportar meteu-a no osso de uma ave. A planta crescia de tal maneira que dentro em pouco não cabia no osso da ave, e então Thyoneu introduziu-a num osso de lião.

A planta desenvolveu-se de tal forma, que Legeu teve de a meter na caveira de um burro que encontrou.

O arbusto continou o seu crescimento, atravessando os ossos, e, deu os seus primeiros frutos donde Bacho fez a bebida que se chama vinho.

A videira no osso da ave explica-nos a alegria das pessoas que bebem álcool em doses moderadas, no do lião explica a força e a coragem nas pessoas que tomam o álcool em maiores quantidades, e finalmente na caveira do burro explica-nos o estado em que ficam os indivíduos que tomam este veneno em excesso.

O temolento quando no estado ébrio, têm temperaturas baixas, sendo em média de 30.º

Contudo, estes efeitos não são o maior mal, porque as mais terríveis conseqüências vêm a sofrê-las as gerações do ébrio, e são principalmente estas que nos interessam, por contribuirem assustadoramente para o definhamento da raça.

É frequente verem-se filhos de ébrios com tendências para o crime, para o suicídio, etc.

Num estudo médico feito acerca das gerações alcoólicas, observou-se que:

na primeira geração a creança, em regra, nasce embrutecida, com falta de moral, e mais tarde os excessos alcoólicos são a sua predilecção; na segunda, encontra-se a temolência hereditária, manifestando-se a paralisia, e por vezes a demência sob variadíssimos aspectos; na 3ª geração, o alcoolismo manifesta-se por um mutismo de criminoso, irascível, com tendência para os crimes mais horrendos, e pela mania do suicídio; na quarta os filhos nascem imbecis ou idiotas

e muitas vezes dá-se a degenerescença completa.

E' por isto que muitas pessoas, não sendo alcoólicas, sofrem inocentemente pelos abusos dos seus ascendentes, que dessa forma contribuíram vilmente para o definhamento da raça portuguesa.

Cândido Simões e Fernando Caetano

3.^a C. I. P. S.



JAIME DE MASCARENHAS do Grémio Pupilos do Exército fala ao "O Profissional"

Já tivemos o prazer de informar os nossos queridos leitores, de que os ex-alunos do Instituto, fundaram o seu Grémio. Como quizéssemos informá-los melhor, dando-lhe uma ideia da sua orientação, julgámos interessante ouvir alguém dos corpos dirigentes. E lançamo-nos na tarefa, para fazer uma pequena entrevista.

Jaime de Mascarenhas, foi do Profissional, ainda traz saúdes da sua Direcção, e como é Director da Instrução e Recreio do Grémio Pupilos do Exército, achámos curioso entrevistá-lo.

Esta conversa amiga á laia de entrevista, realizou-se no seu gabinete de estudo, ali á Rua D. Pedro V. Um compartimento interessante, quadros, retratos, aguarelas, e livros sobre a secretária, um regulamento do Grémio, um Profissional dentro, e a luz difusa da tarde, caíndo desmaiada naquele recanto harmonioso de gosto, em que há objectos de saúde...

E começámos:

— O Profissional quer ouvir alguém do Grémio, e procurámos V. porque sabemos que é dos que melhor nos poderá informar do que se passa...

— Sim, alguma coisa poderei dizer. Entusiasmo-me depressa com estes movimentos solidários, coopero com o melhor do meu esforço para levantar sempre o nome do Instituto e seus ex-alunos, que é para mim a mesma coisa. Foi assim que eu criei essa grande dedicação pelo nosso *Profissional*. Historiar a forma como appareceu o Grémio, seria uma conversa longa, conquanto muito interessante, mas VV. não tinham espaço, para isso.

Atalhámos: — o que interessa no momento é saber o que projectam realizar...

— Sabemos, que o Grémio não dará evidentes sinais de prosperidade, sem se rea-

lizar um sarau, conferências, publicidade, enfim, uma demonstração da nossa vontade, um fruto dos nossos esforços. Nós temos os nossos estudos, quasi todos os dirigentes frequentam Escolas Superiores, logo o tempo occupado. Mas nas horas vagas, que são poucas por minha parte, não descuramos o nosso feliz empreendimento.

— Tem havido mais tentativas?...

— Sim, eu pelo menos entrei numa, há dois anos, se me não engano. Mas agora foi-se muito mais longe.. Já temos quasi 200 sócios, reuniões regulares da Direcção ás segundas-feiras...

— Mas tencionavam, dizia-me?...

— Ah, sim, tencionamos realizar um sarau, que há de ser brilhante, no mês de Maio. Para melhor combinarmos a época, pedimos ao vosso Director, Snr. Coronel Freiria, uma entrevista. Ele recebeu-nos muito gentilmente em sua casa, e trocámos impressões, que muito nos encorajaram mais: E resolvemos que a festa, seria no dia 25 de Maio, coincidindo assim, com a comemoração da fundação do Instituto. Foi uma boa opinião do Snr. Coronel.

— Mas não tencionavam dar a récita no nosso teatro?

— Sim, tínhamos essa intenção, mas alterámos um pouco os nossos desejos. De dia, realizaremos no Instituto uma sessão solene, em que se procederá á distinção de Presidente de Honra e Sócio Nato do *Grémio Pupilos do Exército*.

De noite, daremos uma récita cá na Baixa, numa sala própria para esse fim. E até por extrema amabilidade, o Snr. Corenel Freiria ficou de se empenhar em arranjar uma. Quasi que nos garantiu...

— Mas porque não aproveitam o nosso teatro, também para de noite? V. tinha-nos falado nisso?

— E de facto, assim pensei. Mas depois tive algumas conversas, trocámos impressões, e finalmente com o Snr. Director, ficámos convencidos da sua inviabilidade.

Como franzissemos o sobrolho, Jaime de Mascarenhas, apressou-se a impedir um mal entendido. E disse cheio de convicção e ponderadamente:

Bem vê, um sarau sem baile está provado há muito tempo que é pouco concorrido, deixa pouco... As meninas gostam de dançar, e pedem aos manos, aos namoros, e até aos maridos... E como não vêm só para dançar, assistem á recita, é dinheiro que entra. Porque bem sabem: precisamos de dinheiro, muito dinheiro, para edificar, para

construir. Do Nada queremos fazer alguma coisa! Nem séde temos! onde está o dinheiro para o traspasse? Se alguém nos arrendasse uma casa sem traspasse?... Entre os ex-alunos não há senhorios...

E era por causa do Baile, que não achámos prático realizar a récita no Instituto; afigura-se-nos que o antigo Ginásio, não tem condições. Além de que é muito distante da Baixa, para quem se quizer retirar pela madrugada. Isto já era importante, se não houvesse outros motivos a ponderar.

— E contam com um elenco para a récita?

— Sim, contamos com algumas boas vontades. Nela cooperarão artistas conhecidos no meio teatral, ex-alunos e alunos, que desempenharão uma pequena peça. E vamos envidar os nossos esforços para que nessa noite a orquestra do Instituto se recomponha. Foi uma cativante ideia do Ex^{mo}. Snr. Freiria. Temos que falar ainda com o distinto professor, C. Brás. Ele que é inteligente, sabedor e muito nosso amigo, mais uma vez terá paciência para nos ensaiar. Não lhe mostrem a entrevista, zangar-se-ia comigo... por abusar da benevolência d'ele...

Ah! tivéssemos nós tempo de sobejo, e boa vontade em todos... que fariamos coisas bonitas; mas há os dispersos, sempre com uma pontinha de riso... Olhe, a esses pode dizer no periódico, quanto a mim, nessa ocasião dá-me vontade de chorar por eles... dá, dá...

E' preciso criar entre alunos e ex-alunos uma atmosfera de encorajamento para as Obras dignas, e sãs! E' preciso que olhem a sério para estes problemas. Alguns não se convenceram ainda, que deixaram de ser meninos internados, sempre levianos e incoerentes! Isto o repeti eu, nas primeiras Assembleias Gerais, realizadas no Ateneu Commercial. E infelizmente ainda há muito que dizer... Ainda há poucos ex-alunos; e rapazes de iniciativa e de valor, infelizmente não sei se temos uma dúzia! E triste, mas é verdade:

Nós por várias vezes, quízemos interromper Jaime de Mascarenhas, mas elle tinha-se entusiasmado, já estava em pé e passava febrilmente, quasi com nervoso, as folhas dos Estatutos... ele descançou e nós aproveitámos: E qual a forma mais prática, que têm para arranzar fundos?...

—Ai meu amigo... não pode ser pela teoria da Abstenção, que nos ensina a Economia Política, para a formação do Capital, evitando as despesas. As nossas despesas são quasi nulas. Cotas e alguns mapas temos

conseguido gratuitamente. Qualquer dia vamosbater á portad a Tipografia do Instituto... onde sempre encontrei boa vontade nos compositores...

Mas quanto a fundos... tinha perguntado? Por meio de festas, e alguns contractos com a Mutualidade, que tenciono apresentar em Direcção e depois ao Snr. Coronel Freiria, que se disse disposto a auxiliar-nos sempre, e a quem eu muito agradeço, em nome do Grémio, mais uma vez.

E o Profissional falou pelos alunos: — Nós mesmo quando houver ocasião daremos uma récita a favor do vosso cofre. Não será este ano, é materialmente impossível, mas para o ano, talvez... — Lembrei disso na entrevista com o Snr. Director, e disse-lhes que VV. nos tinham prometido, uma vez em conversa, fazer isso mesmo. Ele gostou muito, achou uma bela attitude da vossa parte.

O tempo avançava e a hora da nossa apresentação no Instituto onde o Estudo nos esperava obrigou a despedir-nos.

Mas prometemos ouvi-lo novamente, quando elle julgasse oportuna outra conversa, à maneira que os trabalhos do Grémio vão seguindo.

E deixámo-lo, quando começou a abrir um livro de sonetos... literatura predilecta a que se dedica, como sabem. Ao apertar-nos a mão só nos disse: Trabalhem, tenham Amor ao *Grémio Pupilos do Exército*.

E nós fomo-nos a pensar, na grande intenção daquela frase!...



RECORDANDO...

A alguém

Lá em baixo, ao sul, alguém caminha vagarosamente meditando como um ente desventurado que passeio para esquecer o sofrimento atroz do coração dilacerada pela dor implacável.

Junto d'ele fica um barco, cuja silhueta de aspecto sinistro o faz vacilar em prosseguir a sua rota; fixa a vista na frágil embarcação e julga ver o que quer que seja, que se relaciona com a sua vida futura, idealizada.

Sózinho, lá vai caminhando muito entregue aos caprichos da meditação e melancolia que o avassalam.

*

* *

O luar resplandecente, inebria os seres que por natureza de espirito demandam a paz e monotonia da solidade, que também lhes serve de refúgio contra as arremetidas das conseqüências de maus êxitos, nos prélios da vida tumultuosa e desordenada.

Sentado sobre a crista duma duna, está esse alguém

taciturno, resignado, assistindo impassível à evolução de todas as manifestações da Natureza.

Cabisbaixo, a sua singular atitude lembra um eremita penitente. Mas oh! não, não é um penitente! É um jovem abortivo em mil pensamentos e fantasias, próprios da mocidade amante! Ele escolhe de preferência os sítios mais recônditos, a solidão, que julga proporcionar-lhe uma perfeita estabilidade à disposição das suas fantasias. Ali sente-se bem, só pensa e planeia, e o sossego da solidão favorece-o.

Não o preocupam os queixumes das abstrusas vagas oceânicas que acolá se desfazem na hediondês de vórtices destruidores e até mesmo, êsse facto lhe passa despercebido. Ali sente-se numa mansão paradisíaca, onde não chegam os ecos das constantes desarmonias das multidões.

Enleva-o mais a alidês e odor da maresia, conjugados com o sussurro suave e monótono dos pinheiros que além são batidos pela branda viração, do que o convívio alegre dos amigos que neste momento o procuram.

Numa visão fortuita mas benéfica, aparece-lhe radiante a imagem cândida e bela da sua amada de cabelos aurifulgentes, dirigindo-lhe sorrisos prometedores e de complacência. Sim! Ele não se sente inteiramente abandonado, conquanto esteja cercado pela esterilidade das areias e pelo isolamento das gentes. Ele ama, e fêrvadamente, persuadindo-se feliz por isso.

A imagem que ele adora alimenta-lhe tôdas as suas mais belas ilusões e devaneios. É novo, sente porém a noção do entendimento e da sinceridade no amor.

Horas antes, sobre uma depressão de areia em frente do pélagos imenso e dum velho pardieiro quasi arruinado, ele, impellido pela nobre aspiração do regulador da sua vida, jurou o seu mais puro e leal amor, a essa imagem de virgem immaculada que lhe serve de ídolo, e que agora lhe bafeja com a essência do néctar da afeição, a sua consciência.

Foi pois, em frente do oceano, dêsse que ele julga o seu maior amigo e maior traçoireiro, a sua vida e seu sepulcro, a um tempo. O mar! Sê, pois, discreto! Orgulha-te de, junto do Supremo juiz eterno que há-de julgar as multidões e todo o Universo, seres testemunha do que ouviste áqueles jovens enamorados!

Tem cautela... não o descubram as tuas ondas impetuosas e incautas ao espriarem as suas águas dissonantes, que talvez para os sañidar chegaram a beijar ao de leve, aquele romântico local onde se encontravam os amorosos no mais inocente colóquio que se pode imaginar!

Ali também ela teve ocasião de corresponder, consagrando o seu casto amor áquele que tanto a amava e queria.

Ela, tímida, qual avezinha que inexperiente pipila hesitando na vida dificultosa, proferiu-lhe algumas expressões, que analizadas denotavam receio e ingenuidade, expressões tocantes cheias de melodia e inspiração, que no seu auge o emocionaram de maneira que ao tentar fazer algumas reflexões, se lhe estrangulou a voz, perdeu o dom da palavra que até então possuía.

Toda a sua energia foi impotente para sustentar êsse baque sublime, e feneceu ante uma tal harmonia.

A breve trecho, ela reconheceu a fraqueza de espirito do seu estremecido amigo, que um frémito de sentimento de amor dominara e fizera comover.

Lembrou-lhe que cobrasse ânimo, pois que sendo ela de temperamento mais sensível e de constituição física naturalmente mais delicada, tinha contudo, resistido aos ímpetos dessa comoção que também a amea-

çara. O aspecto sombrio e triste dele, profetizava uma pronunciada perseverança na promessa feita há pouco. Apartaram-se...

Agora, para recordar o que há pouco se passou, vêmo-lo derrelicto das pessoas que o estimam, procurando as delícias que lhe advêm da paz do êrmo, seu lenitivo. Lá está, pois, indiferente a tudo, com o semblante alterado, iluminado pelo fulgor do luar que mais o assemelha a um espectro do que a um ser vivente!

A indecisão do seu futuro atormenta-o. Medita, mas o cérebro povoa-se-lhe de caprichos quiméricos da imaginação que não lhe permitem chegar a um acôrdo.

Por fim deixa-se fascinar pela abstracção. Então alheio a todos os factos passados ou presentes, já a imagem querida lhe não existe no pensamento, já o não deleita; num ápice se evoluiu, ficando ele então abandonado de tudo e de todos!

E assim nesta perplexidade, imagina que um profundo silêncio serve de cógula a tôda a Natureza. Ali, pois, já o não perturbam os ecos de qualquer espécie nem aparecem vestígios da humanidade: embala-o a letargia balsâmica e reparadora; efêmera tranqüilidade!

Pouco depois volta à realidade e julga estar na presença de quem ele viu em perfumado sonho, todavia, ninguém se detém no horizonte dos seus olhares iludidos.

Deixa-se cair pesadamente como se fosse um inerte corpo, sobre a macieza do areento solo. Olha em redor: apenas enxerga uma interminável clareira — o areal magestoso e alvinente. Até o mar já não avista!

Humedece-se-lhe o olhar magoado, e como por encanto reavivam-se-lhe novamente no cérebro, ideias que devido a uma tenaz persistência de abstracção, ele já julgava no olvido. Surge-lhe mística e sorridente, a figura idolatrada que o detém naquelas paragens.

Abre prodigiosamente os olhos, talvez presumindo de que dêste modo a vê mais nitida; dirige os seus olhares para o orbe celeste salpicado de milhares de tremeluzentes estrêlas; depois tenta falar, dirigir-lhe algumas expressões acariciadoras, balbuciar um nome querido e por ele deficado, mas ilusão, ela não o ouve!

Quere eternizar memórias porque se sente favorecido pela inspiração, porém, escasseiam-lhe os elementos materiais que produziram a imediata realização dêste ideal.

Resolve pois, abandonar aqueles sítios, agora tão ingratos e inóspitos, e dirige-se ao mar pela beira do qual efectua a sua marcha; após alguns passos dados, para, e decide-se a contemplar a extraordinária fosforescência das ondas no momento da quebra. A névea espuma desdobrando-se é rolando no doce pendor de areia, a cogitação na diversidade dos segredos arcanos e sublimes da Natura deliciavam-lhe imensamente a alma.

Há muito que por entre o sussurro pelágico vinha distinguindo umas notas soltas, melodiosas, femininas.

Apresa a marcha, sobe um declive, e, depois de celerar ter contornado algumas vias irregulares, arenosas, que algumas lufadas de vento cobriram com caruma e a que o vulgo chama «ruas», com grande satisfação sua consegue divisar um todo rosado que já lhe era familiar. Ajudado pela fulgurância do luar, breve reconheceu as vestes da sua adorada. Ela viu-o e conhecendo-o voltou-lhe um olhar meigo cheio de bondade e expressão, ao que ele reconheceu, retribuiu.

Respirou fundo, e, com Ela, desabafando por longo tempo olvidou tôda a série de fases por que tinha passado há pouco o seu ser.

E se alguém, adivinhando-lhe o pensamento o inquirisse acerca do passado, ele mostrando ignorar não res-

ponderia, ou, pelo menos presumir-se-ia na inverosimilhança de tais factos.

Agora juntos os dois amorosos, ligados por um elo do pensamento, fazem demonstrações de um fervoroso amor que, quem sabe, persistirá através de todos os contratempos e malquerenças mesquinhas.

E a Lua indiferente na amplitude sidérea do firmamento, derramava o seu etéreo e sarcástico sorriso, emoldurado em torrentes imensas de argêntea luz.

Sendo já tarde, a neblina marítima percorria todos os recantos onde imperava a alegria e o prazer; o frio fustigava, e os dois amantes despediram-se e pensativos debandaram!

Com o avançar do tempo, o mar estava no apogeu da sua enchente, os ábsonos bramidos e os ecos atroando os ares aterrorizavam os homens que humildes se têm de curvar ante a magnitude dos elementos da Natureza.

14 de Setembro de 1923.

A. C.

Soneto

(A' menina V. P.)

No requebro ligeiro da cintura
Que a sua graça faz ao perpassar
Há sonhos palpitaes de ventura
Que eu desejara há tanto acalentar.

Dá-me vontade pô-la sobre o altar
Qual burilada forma de escultura,
E da face morena, de encantar,
Fazer o pergaminho duma jura.

Jura de amor eterno, de saúde,
Que vá mostrar por toda a eternidade
Uma sombra passada, o que lhe quiz!

■ Sombra que vá, bem devagar, morrendo
A' medida que eu for desapar'cendo
No brilho dos seus olhos juvenis!

Sebastião dos Santos Pereira

2.º Ano geral

Enlêvo...

O meigo gesto teu, linda criança
Fascina-me desde que um dia o vi,
E faz-me recordar na semelhança,
Uma mulher que amei e que perdi...

Ai! não deixes de olhar! mas tu ignoras,
O quanto ao contemplar-te sou feliz.
E que máguas desta alma tu minoras,
Se quando passo a ver-te me sorris.

Abril, 1924

Fernando Silva

2.º ano de I. P. S.

SECÇÃO DESPORTIVA

Foot-ball — *Com legitimo orgulho de todos nós vimos este ano coroados do exito todos os nossos esforços: o Instituto triunfou nos campeonatos de foot-ball em ambos os agrupamentos em que se inscreveu.*

Têm razão todos quantos se interessam pelo desenvolvimento desportivo do Instituto em se sentir satisfeitos. As nossas vitórias, foram, especialmente no 3.º agrupamento, e sem desprimor para os nossos adversários absolutamente nítidas. No 2.º agrupamento o nosso triunfo foi mais difficil e apenas 1 ponto sobre a Escola Nacional nos deu a primeira classificação.

Na impossibilidade de publicarmos um relato completo e desenvolvido dos encontros, vamos todavia tentar fazer uma análise geral do que foi o campeonato inter-escolar de foot-baal deste ano.

O nosso grupo representativo estava bastante enfraquecido em relação à composição do ano passado, pois a maior parte dos seus componentes tiveram de ser substituídos, uns por excesso de idade, outros por terem saído do Instituto. As nossas esperanças eram por isso mesmo infimas.

Mas apesar disso dominávamos uma grande vontade de vencer que foi sem dúvida o que nos deu a 1.ª vitória sobre o Asilo Maria Pia e talvez o Campeonato.

Animados por essa primeira vitória, e com os treinos metódicos do sr. Capitão Viegas, bem aproveitados pelos jogadores, marchámos para os outros encontros mais confiantes na vitória. Efectivamente a Escola Académica e o Colégio Militar foram também derrotados respectivamente por 5-0 e 6-0, sendo estas as nossas mais nítidas vitórias do campeonato.

Na 2.ª volta talvez por excesso de confiança, as victórias do nosso grupo foram mais difficéis conseguindo mesmo o Colégio Militar — o 2.º classificado no Campeonato — empatar conosco por 0-0, num jogo bastante equilibrado e em que as nossas redes estiveram por vezes em sério perigo.

De todos os nossos jogadores, o melhor, o mais regular nas suas exhibições, e sem dúvida a base mais sólida do nosso triunfo foi o nosso defesa esquerdo Maleitas. Foi ele quem salvou inúmeras vezes as nossas redes dos mais sérios perigos, algumas mesmo quasi milagrosamente.

Foi sem duvida o jogador mais completo e mais seguro no seu lugar de todos quantos este ano disputaram o torneio escolar de foot-ball.

No Campeonato Geral Escolar o nosso grupo bateu na 1.^a eliminatória o grupo do Colégio Militar por 3-1 e na final o do Liceu Pedro Nunes por 6-1, ficando de posse do titulo de Campeão Geral Escolar «Escolas Secundárias».

No 2.^o agrupamento (12 15 anos) a nossa vitória foi muito indecisa devido a uma maior igualdade de forças entre o nosso grupo e os da Escola Nacional e do Colégio Arriaga. Este porém foi desclassificado por incluir elementos com excesso de idade, e uma vitória do Liceu Pedro Nunes sobre a Escola Nacional deu-nos o triunfo na classificação geral, apesar de nunca termos conseguido vencer a E. Nacional.

Aprez-nos sobremaneira registar a correcção e lealdade com que foram disputados estes encontros, o que foi sem dúvida a nota mais agradável do torneio infantil.

Esgrima — Realisou-se em 8, 9 e 10 de Maio o Campeonato inter-escolar de Esgrima em que se inscreveram concorrentes do Instituto e do Colégio Militar. Não fomos aqui tão felizes como no foot-ball, pois apesar dos esforços do Ex.^{mo} Capitão Luiz Alberto de Oliveira, não conseguimos o logar a que da nossa preparação era licito esperar.

Fosse o que fosse, o que é certo é que o Colégio Militar ganhou e bem, conseguindo as primeiras classificações individuais, e ficando pela segunda vez de posse da taça Challenge.

Desportos atléticos — A falta de espaço inibe-nos de publicar uma noticia desenvolvida do que foi o torneio atlético da F. N. E. F. realizado na 2.^a semana de Maio. Apesar do mau tempo que nos impediu uma preparação mais intensiva, e de outras razões de várias

ordens, o Instituto conseguiu a 2.^a classificação no 3.^o agrupamento com 44 pontos, mercede do trabalho e boa vontade dos nossos professores, srs. major Escrivanis, cap. V. Rodrigues e ten. Lima.



Ecoss

Para substituto do Ex.^{mo} Comandante Ferreira de Sousa na Regência da 2.^a secção, foi nomeado o Ex.^{mo} Major Agostinho Barreto de Oliveira, que nesta secção desempenhava o cargo de Professor de Desenho do curso official. O *Profissional*, embora tardiamente, envia-lhe as suas saudações.



Publicamos numa outra local uma entrevista que tivemos com o ex-Director do *Profissional*, e hoje um dos membros da direcção do Grémio, Sr. Jaime de Mascarenhas.

E' já inoportuna a publicação de alguns pontos da entrevista, que todavia conservamos completa, como se a sua publicação tivesse sido feita em devido tempo.

Informamos porém, que o sarau a que J. de Mascarenhas se refere e que tencionavam levar a efeito em 25 de Maio, não se realizou nessa data, mas parece estar preparado para breve.

Acêrca de uma sede para o Grémio já se realizaram duas Assembleias Gerais nesse sentido, mas cremos nada foi resolvido.



Afinal a Associação Escolar, tornou a deixar de ser falada. Ainda se chegou a eleger uma comissão de alunos para tratarem disso pelas vias competentes, mas...



Este ano o aniversário do Instituto, ao contrário dos mais anos não foi comemorado. Contudo o refeitório dos alunos esteve ornamentado com flores dos dias festivos.

Boa lembrança do mestre jardineiro...



Realizaram-se com grande brilhantismo as festas comemorativas do 4.^o Centenário do nascimento de Luis de Camões.

No cortejo civico levado o efeito no passado dia 10 de Junho, fez-se incorporar o Instituto com todos os seus alunos e alguns membros do corpo docente.

A Direcção



N.º 68 — 9.º ano

Comp. e imp. na Tip. dos Pup. do Exército
Tel. 55 Benfica

Outubro de 1924

ADMINISTRADOR
Américo Calado

CORPO DE REDACÇÃO
António Zúquete; Porfírio F. Santos, redactor principal
Humberto S. Pereira, secretário

DIRECTOR
Vasco Martins

A NOSSA APRESENTAÇÃO

A nova Direcção do órgão dos alunos do Instituto ao tomar conta da gerência do mesmo, cumprimenta todos os nossos leitores, esperando que continuem a dispensar-nos a sua valiosa colaboração.

Cumpre-nos dizer algumas palavras sobre a orientação que nos propomos seguir.

Em primeiro lugar temos em vista a modificação do carácter do órgão, de modo a torná-lo compatível com o grau de ensino ministrado nesta escola. Evidentemente se o Instituto é uma escola de ensino técnico médio, o seu jornal terá que o patentear por todos os modos. Ora, como se pode mostrar no nosso jornal que o Instituto é uma escola de ensino técnico senão dando primacial importância à sua Secção Científica?! E' nesse sentido que vamos empregar todos os nossos esforços.

Mas não quer dizer que tratemos só de assuntos científicos, porquanto além da secção a que estes assuntos dizem respeito, cuidaremos ainda das secções literária, desportiva, humorística, ou de quaisquer outros assuntos que directa ou indirectamente interessem os alunos ou o Instituto.

Para conseguirmos os nossos propósitos, isto é, mantermos o nosso jornal á altura correspondente ao grau da escola, apelamos

para todos que nos possam auxiliar por qualquer modo para conseguirmos tal *desideratum*. Em especial para os alunos e dentro destes aos dos cursos mais adiantados que colaborem neste sentido.

Deliberámos nós, na primeira reunião que tivemos aumentar o número de páginas do nosso órgão de modo a dar plena execução ao nosso programa.

Conquanto esperássemos colaboração de todos os alunos, não sabíamos ainda se tal aconteceria quando tomámos a resolução de aumentar o número de páginas para 12. Se até hoje a colaboração para as habituais 8 páginas era escassa, aumentá-las para 12 não seria aventurar-nos a muito?!...

Não foi; e não foi porque compreenderam as nossas boas intenções vindo ao nosso encontro e assim o original deste número que se publica hoje arranjou-se no pequeno espaço de 6 dias, caso que pela primeira vez se regista.

A Direcção juntamente com o Conselho Fiscal, norteados pela orientação acima exposta, deliberaram a mudança do nome do nosso órgão a partir de 31 de Janeiro de 1925, dia do aniversário da fundação do nosso mensário.

As razões que nos levavam a tomar esta resolução já vieram ao conhecimento dos prezados leitores.

Sobre a escolha do nome que tencionamos

dar ao nosso mensário, bem pode ser que ele não seja o mais próprio, mas o que estamos certos é que ele não será deprimente para nós e que um simples relance bastará para não se suscitarem dúvidas sobre a escola a que pertence.

O nome que lhe vamos dar é o de *Os Pupilos do Exército*.

Não hesitemos em aceitar qualquer outro nome que os nossos leitores nos indiquem, desde que ele seja mais próprio.

Como consequência de melhoramentos introduzidos fomos forçados a aumentar o preço do nosso mensário, aumento este que não nos dá margem a muito maiores lucros, porquanto o aumento real não é mais do que 2 centavos. Assim o ano passado cada número saiu á razão de 32 centavos. Ora como as despesas são aumentadas em 50% como consequência dos melhoramentos introduzidos, resulta um aumento de preço na mesma proporção, o que dá a importância de 48 centavos.

Todos os nossos assinantes e compradores compreenderão a nossa situação e certamente continuarão a dispensar-nos a sua amabilidade habitual.

Demais se atendermos ao preço de todos os jornais académicos veremos que o nosso é ainda o que mais barato se vende.

Mais uma vez apelamos para todos os nossos colaboradores esperando merecer o seu apoio para que possamos executar cabalmente o programa que traçamos.

A Direcção

Abertura do novo ano lectivo

Com a assistência de S. Ex. o Presidente da República realizou-se no edificio da 1.ª Secção do Instituto em 16 do corrente a abertura solene do ano lectivo de 1924-25.

Às 13.30 h. formaram as duas companhias de alunos nos claustros do antigo convento de S. Domingos, onde se acha instalada a 1.ª Secção, na presença do Ex.^{mo} director do Instituto sr. coronel Freiria, regentes das secções, alguns professores e oficiais.

Usaram da palavra os alunos José Manoel d'ja Silva e Vasco Martins, que deram as boas vindas aos alunos novos.

Da alocação do aluno Vasco Martins transcrevo alguns periodos.

«E' com verdadeiro prazer, e não simplesmente em obediência a velhas praxes, que

nós — alunos antigos — vos recebemos nesta hora que vos é dedicada. E' nos sempre agradável o recebimento de novos colegas, por quanto são novos amigos que vamos a encontrar e consequentemente todos aproveitarão com os frutos que se podem colher da verdadeira amizade.

O Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, -nossa escola- foi fundada em 25 de Maio de 1911 sendo o seu fundador o ilustre General Sr. Correia Barreto. Sendo a principio uma escola simplesmente profissional, dai o seu nome de Instituto Profissional, nome que ainda hoje conserva, é já hoje uma Escola de ensino técnico médio, título que alcançou em 1922 devido aos esforços empregados pelos Ex.^{mos} Dirigentes desta Instituição.

O Instituto Profissional dos Pupilos é pois uma grande obra que honra o seu fundador e principalmente a República, sendo por muitos considerada julgo que muito justamente, a principal obra de instrução feita dentro do actual regimen.

Glória, pois, à República
— Glória ao fundador do Instituto —

Além disso, caros camaradas, se pensarem um bocadinho, não será difficil ver quanto presentemente com a grave crise que o País atravessa, quanto de sacrificio representa a manutenção da Obra Tutelar dos Exércitos de Terra e Mar, da qual o Instituto é um dos componentes.

E' enorme o sacrificio que a Pátria faz para aqui nos manter, para nos educar de uma maneira tal que a maioria não conseguiria senão se acolhesse à sua benemérita obra.

Como corresponder a tanto sacrificio?

Trabalhar. Mas trabalhando de modo que a Pátria possa contar connosco, como valores activos. Mais que contar: exigir, porque tem esse direito desde que ela com tanto carinho nos facilita os meios necessários para semelhante exigência. De resto, não é mais do que um dever de bom filho que a mãe Pátria carinhosamente educou.

Que sejais felizes durante os vossos estudos é o que vos desejamos, podendo sempre contar em cada um de nós um verdadeiro amigo ao vosso dispor.

Agora, alunos antigos, para terminar, saudemos os nossos novos colegas:

— Vivam os alunos novos —
Viva o Instituto dos Pupilos do Exército

Foi servida em seguida uma merenda de confraternização entre os antigos e novos alunos, durante a qual a banda do B. S. C. F. executou alguns dos seus números.

A hora de S. Ex.^a o presidente da República chegar, ia-se aproximando e o pelotão que fazia a guarda de honra dirigiu-se para junto da entrada.

S. Ex.^a chegou, passou revista ao pelotão, cumprimentou o corpo docente do Instituto dirigindo-se depois para o salão de conferências onde se realizou a sessão solene.

Fez a oração de sapiência um professor da 1.^a Secção.

O Ex.^{mo} director do Instituto apresentou uma estatística dos resultados tirados pelos alunos que tem entrado para o Instituto desde a sua fundação.

Finalmente usou da palavra S. Ex.^a o Presidente da República que teve palavras de elogio para com a grande obra da República e para com o seu fundador general sr. Correia Barreto que se achava presente; tendo então sido descerrado o busto d'este ilustre oficial, feito pelo professor de modelação sr. Berger.

Terminou a sessão pela distribuição de prémios aos alunos mais classificados, e aos que mais se distinguiram nas provas desportivas escolares, realizadas no ano passado.

Depois de encerrada a sessão S. Ex.^a visitou a sala onde se encontravam expostos os trabalhos executados pelos alunos da 1.^a Secção, visitando em seguida algumas das dependências das novas instalações retirando-se pouco depois com o mesmo cerimonial.

Mário Jorge de Figueiredo

2.^o ano de especialidade do comércio



A abertura do ano lectivo nas escolas técnicas de Lisboa

Realizou-se no passado dia 26 de Outubro, com toda a solenidade, no Instituto Superior de Comércio de Lisboa, a abertura do novo ano lectivo nas escolas técnicas com a assistência de S. Ex.^a o sr. Presidente da República, vários ministros, muitas entidades oficiais, deputações de alunos de várias escolas, entre as quais uma do nosso Instituto, corpos docentes das escolas técnicas, e muitas mais pessoas. A guarda de honra ao sr. Presidente da República era feita por um pelotão de alu-

nos d'este Instituto, com nossa bandeira, acompanhados pela banda de infantaria 1.

S. Ex.^a compareceu às 15 horas. Era aguardado pelos srs. ministros, pelo elemento oficial e pelo director do Instituto Superior de Comércio. Após os cumprimentos da praxe, S. Ex.^a realizou a visita às dependências do Instituto, admirando a exposição de trabalhos comerciais, livros e impressos de toda a espécie, produto do Instituto Superior. Em seguida visitou as várias salas onde se encontravam expostos trabalhos do Instituto Superior Técnico, Instituto Industrial, Escolas Marquês de Pombal, Afonso Domingues, Arte Aplicada, Machado de Castro e Fonseca Benevides, sobressaindo entre estes os do nosso Instituto, trabalhos de serralharia, carpintaria, forja, tipografia, encadernação, de desenho e comerciais, que foram muito admirados.

Terminada a visita, iniciou-se a sessão solene no museu do Instituto que revestiu este ano uma excepção importância para a causa do ensino técnico Português. Falou em 1.^o lugar o sr. ministro do comércio, que, após dar por aberta a sessão, fez uma ligeira dissertação sobre o significado do acto, enaltecendo as vantagens, para o país, do ensino técnico.

Seguiu-se-lhe no uso da palavra o sr. Francisco António Correia, digno director daquele Instituto, que produziu uma larga dissertação sobre a pavorosa situação económica que atravessa todo o mundo, caracterizada por um terrível nacionalismo, o que traz a necessidade de preparar tecnicamente quem possa defender-se da concorrência. Analizou as modalidades do ensino técnico e o seu espirito prático, defendeu o princípio da sua autonomia e alvitrou melhoramentos, terminando por agradecer a presença do sr. Presidente da República e prestar homenagem às qualidades dos seus colegas professores.

Falou em seguida o sr. Cunha Be'ém, dis' tinto aluno do último ano do Instituto Superior Técnico, que num eloquente discurso que é como o brado de muitos estudantes pela boca de um só, defendeu calorosamente os interesses e o futuro dos alunos das escolas técnicas, depois de historiar o ensino técnico, desde as primeiras reformas do Marquês de Pombal até à acção dos srs. Brito Camacho e Azevedo Neves.

Este discurso reveste para nós, futuros alunos das escolas superiores, um interesse excepcional.

E é assim que eu, desejando transcrever algumas passagens desse discurso, que ouvi

com o maior interesse, pedi ao sr. Cunha Belém a fineza de me consentir a transcrição, ao que elle acedeu, levando a gentileza ao ponto de me vir trazer o discurso ao Instituto, pelo que me sinto imensamente penhorado.

Com os meus agradecimentos pela amabilidade, ai vão, pois com a devida vénia, alguns períodos do discurso que mais interesse me despertaram.

«S. Ex.^a. Director d'este Instituto, sabe muito bem que a frequência é bem pequena para a expansão commercial do nosso país. Mas quê? S. Ex.^a tão intelligente e erudito desconhece a inutilidade official dos cursos professados no Instituto que dirige? Pois S. Ex.^a não sabe que apesar de se professar aqui um curso superior aduaneiro elle não é exigido para a entrada nos quadros das Alfândegas e que se não reservou, ao menos, nenhum grau de hierarquia aduaneira para os diplomados?»

Nas armas do Exército onde há officiaes sem o curso, elles só entram no quadro por um terço, ficando os outros dois terços para os diplomados, e, aquelles, não tem acesso ao Generalato.

Não sabe S. Ex.^a que havendo neste Instituto um curso superior de Finanças, elle não habilita especialmente para nenhuma carreira do Estado onde há um ministério com esse nome e onde há a Caixa Geral dos Depósitos? Não saberá também S. Ex.^a que havendo aqui um Curso Superior Consular, se pode ser consul sem ter esse curso?

Curso que julgo até quasi nenhum consul tem, e o consul não é bem o gato maltês que toca piano e fala francês!

Ignora acaso S. Ex.^a que o Curso Superior do Comércio não tem privilégio algum do Estado, que nem os lugares de Actuários das Companhias de Seguros lhes garante?

.....

Mas o que succede aqui succede em todos os demais ramos de ensino commercial. Quem ignora o desprezo a que o Estado vota esse ensino?! Bastará citar um facto para que todos fiquem edificadas. Para ser perito contabilista no Tribunal do Comércio não é preciso ser diplomado por qualquer escola: basta dizer-se guarda livros, auto-diplomar-se e... ter empenhos.

Mais feliz não é o ensino técnico.

Os diplomados pelas escolas Industriais não tem preferéncia para as obras do Estado ou para os Arsenais; os construtores civis não se diplomam nas escolas officiaes e o titulo de Engenheiro anda tão malbaratado que chega a haver... engenheiros amadores!

Se para todos os lugares do Estado ou, pelo menos, para uma percentagem desses lugares fôsse indispensável a habilitação correspondente diplomada por este Instituto ou pelo Técnico ou pelas outras escolas de ensino commercial e industrial para as suas respectivas categorias, se garantisse o exclusivo do uso da profissão aos profissionais diplomados, cumprindo se depois o disposto no §2.º do art.º 236 do Código Penal Português, veriamos todos os cursos mais frequentados, com uma média de maior applicação, e então o excesso dos diplomados ou aquelles que por seus talentos ou outras circunstâncias dispensassem o auxilio do Estado, iriam por esse pais fora e pelas nossas colónias vastissimas desenvolver a industria e o comércio Português

.....

Exceptuem-se as indústrias agricolas do vinho e do azeite, que por mal fabricados, na sua maioria, vão perdendo os mercados, e o que nos resta como industria nacional que não seja só de trazer por casa?

As de conservas, principalmente de peixe, que dirigidas quasi sempre por armadores faltos de técnica, se têm desacreditado nos mercados estrangeiros.

Mais, como exportação, temos apenas a cortiça porque os sobreiros... embirraram em no-la dar. A grande exportação faz-se em bruto, em pranchas e em aparas, pouquissima nós transformamos em artefactos e tudo o que dela sabemos fazer... são rolhas!

A tecelagem não chega para o consumo do país, a industria do ferro está falindo, os vidros e as louças são para uso interno, a industria mineira está na mão de estrangeiros quasi toda, o tabaco e os fósforos, apesar do monopólio, são uma autentica vergonha, á excepção da União Fabril, unicamente algumas empresas modernas, tecnicamente bem dirigidas, têm um futuro risonho diante de si.

.....

Para que se não tentem indústrias impossiveis, para que se protejam convenientemente as viáveis, para que a incompetência industrial nos não desacredite nos mercados estrangeiros, necessário se torna a creação duma «Câmara de interesses económicos» com representação dos corpos docentes dos institutos superiores de Agronomia, Comércio e Técnico e das Associações de classes destes ramos de actividade para estudar a forma de proteger as indústrias que se possam e devam considerar como nacionais, e se não dê o facto assombroso que se dá com as tintas em que são isentas de direitos as estrangeiras que vêm para pintar navios nos nossos portos e se

obrigam as nacionais ao pagamento de direitos pelas matérias primas que importam das colónias!

Essa câmara de interesses económicos deveria também servir de Bôlsa de colocação aos comercialistas e engenheiros.

Vou terminar, mas antes ao meu Paiz quero dar um conselho — unamo-nos todos para o desenvolvimento do comércio e da indústria, que é a única forma de fazer um Portugal maior — lembrai-vos sempre que a conquista de um mercado vale hoje mais do que uma batalha vencida, uma descoberta Scientifica mais do que um poema inédito e uma oficina mais que um centro politico.

Perdoai a ousadia dos meus poucos anos vos virem aconselhar, mas atendei bem que é a negra hulha, extraída das entranhas da terra, que faz mover as máquinas que vos dão a luz eléctrica ou vos conduzem em grandes velocidades por campos e cidades; lembrai-vos que é dela que se extraem as anilinas, a naftalina, o gaz, o coque, os alcatrões e tantos outros produtos; lembrai-vos que ela, negra e modesta, é hoje um dos maiores valores do mundo; assim também nós, obscura mocidade de hoje, tentaremos ser o maior factor de amanhã combatendo para que da idea da Pátria se faça uma religião que tenha por Evangelho os *Luziadas*, donde a nossa marinha de guerra tirou a sua divisa que será e deve ser a divisa de todos nós

A Pátria honrai que a Pátria vos contempla.»

Verdades, tristes sim, mas verdades puras. Infelizmente o ensino técnico chegou, em Portugal, ao estado em que o sr. Cunha Belem no-lo mostra. E se o assunto interessa a quem frequenta as escolas superiores não interessa menos a nós, que um dia as frequentaremos. Oxalá o brado do sr. Cunha Belem seja o início de uma campanha eficaz, que faça recair as atenções dos poderes públicos sobre esta causa tão justa e de tão grande interesse para o futuro de Portugal.

Falou por fim o sr. Presidente da República. Fez algumas considerações acerca da situação económica que atravessa todo o mundo, e, aludindo às várias razões que justificam as nossas relações comerciais com diversos paizes, manifestou-se de acôrdo com todas as afirmações tendentes à valorização do ensino técnico, mostrando-se encantado com o que tem visto nas várias escolas que tem visitado e que bem demonstram o espirito de dedicação e sacrificio dos professores. Disse que não era nas escolas superiores onde as deficiências se faziam

sentir mais, mas sim nas escolas mais em contacto com o povo, onde as massas populares recebem a sua educação profissional. Terminou dizendo que, desde que o país não ignora a falta de recursos com que lutamos, os resultados obtidos nas escolas que visitou são motivo de gratidão e reconhecimento devidos pelo Estado aos professores.

Com estas palavras se encerrou a sessão, retirando S. Ex.^a com o mesmo cerimonial da entrada.

Durante todo o dia o edificio do Instituto Superior de Comércio esteve aberto, sendo as exposições muito visitadas.

Oxalá nós vejamos em breve tornados realidade, os projectos formados nesta memorável sessão. É o nosso mais ardente desejo.

António Marcelino

2.º ano de especialidade de comércio



Eleição da Direcção de O PROFISSIONAL

Teve lugar no dia 25 de Outubro último, pelas 19 horas, no Salão do Teatro, uma assembleia geral com a seguinte ordem da noite:

I — Apresentar as contas realizadas pela transacta Direcção de *O Profissional*.

II — Eleger os novos corpos gerentes de *O Profissional*.

III — Nomear uma comissão, com o fim de organizar e constituir a «Associação Escolar».

Os alunos que constituíam a Assembleia, eram, 1.º e 2.º anos do Curso Médio e Geral e os alunos do 3.º e 4.º anos do Curso Oficial.

O aluno Humberto propôs à assembleia o aluno Vasco Martins, para ocupar o lugar de Presidente da mesma, o que foi aceite com aclamações. Este aluno depois de convidar os alunos Porfirio Santos e Rodolfo Ló, para Secretários, deu por aberta a sessão, entrando se imediatamente na ordem da noite. O primeiro orador a usar da palavra, foi o aluno Caetano, único membro existente entre nós, da última Direcção, e que por isso, expôs a largos traços as contas realizadas pela mesma no ano findo, convidando no final, todos os presentes que duvidassem do seu breve relato, a irem pessoalmente verificar a escrita, onde tudo estava descriminado.

O aluno Pacheco propôs um voto de louvor à Direcção transacta, que foi regeitado por maioria. Procedeu-se depois à chamada

dos eleitores que a um e um, iam colocar as suas listas na urna.

Após a entrega das listas, houve o intervalo necessário para o escrutínio das mesmas sendo convidados para escrutinadores os alunos João Domingos e Santos Lino.

O Presidente da Assembleia, depois de completo o apuramento, anunciou os alunos que foram eleitos para gerirem *O Profissional* no corrente ano lectivo. Eles eram:

Director: Vasco Martins....	35	votos
Administrador: A. Calado...	17	>
R. Vogal: António Zúquete,	28	>
Secretário: Humberto Pereira	32	>

Associação Escolar

João Domingos.....	22	votos
Vasco Martins.....	11	>
Artur H. da Costa	6	>

Esta eleição para a Associação Escolar, foi com o fim de se organizar os Estatutos para a mesma.

Por desistência de Mário A. J. de Figueiredo, foi ocupar o seu lugar, o aluno Costa. No cargo de Redactor Principal, um dos candidatos desistiu, sendo proclamado sem ser necessária a eleição, o aluno Porfirio dos Santos.

Depois da assembleia ficar conhecedora do escrutínio, o aluno Vasco Martins agradeceu aos eleitores que nêle votaram, salientando a maior competência do outro candidato àquele cargo, o nosso colega Humberto; continuando no uso da palavra, fêz lembrar que no ano findo, quando da organização do Regulamento de *O Profissional*, êle foi um dos mais encarniçados adeptos à formação dum Conselho Fiscal, com o fim de observar os diferentes actos da Direcção do nosso mensário, declarando que só aceitaria o lugar para que tinha sido eleito se a assembleia aprovasse a existência desse Conselho e a regulamentação de *O Profissional*.

Procedendo-se à votação, o orador foi favorecido com um voto unânime.

O Presidente da mesa agradeceu novamente o voto da Assembleia. No periodo depois da ordem da noite, pediu a palavra o nosso camarada Freitas, que historiou a origem da feliz ideia do Conselho Fiscal, e propôs um voto de louvor à comissão encarregada de elaborar o Regulamento de *O Profissional*, de que era presidente o nosso colega Vasco Martins. Procedeu-se à votação e verificou-se que tinha sido aprovado por grande maioria.

Como mais ninguem quiz usar da palavra foi encerrada a sessão.

Aldemiro Pires

1.º ano da especialidade do comércio



Anomalias

Há tanto tempo que se vem falando numa reforma do ensino em Portugal, a qual até hoje ainda não passou da simplicidade dos projectos, apesar de ser bem necessária.

Muito há a fazer sobre instrução em Portugal, pais em que a percentagem de analfabetos é enorme.

O ensino no nosso pais é bastante deficiente e variadíssimas anomalias existem, que é de urgente necessidade reparar. Uma delas, de que vou tratar, e que mais directamente pode interessar aos alunos do Instituto, é a que se refere às habilitações necessárias para a admissão aos cursos superiores.

Os alunos do Instituto e das escolas similares para a admissão aos cursos superiores — comércio ou técnico, necessitam respectivamente dos cursos da especialidade de comércio ou de indústria.

Por outro lado, o 7.º ano do liceu constitue habilitação necessária e suficiente para a matrícula nos mesmos cursos e bem assim, em quaisquer dos outros cursos superiores.

Êste paralelo de habilitações que se estabelece entre um aluno de um curso do liceu e um aluno de um curso médio para a admissão nos cursos superiores de comércio e técnico, não é de modo algum justo nem razoável.

Ainda que mais razões não existissem bastaria ponderar que o curso complementar do liceu é de dois anos e o curso médio é de quatro, crescendo, que no liceu o ensino é absolutamente isento de quaisquer noções de comércio ou de indústria, o que é perfeitamente compreensível. Será de algum modo justo, que um aluno completamente ignorante em matéria de comércio ou de indústria vá imediatamente frequentar o respectivo curso superior, sem mais preparatórios? Julgo que não.

E admissível que o 7.º ano do liceu seja habilitação suficiente para os cursos superiores, como sejam os de letras, sciências, medicina, direito, etc., mas nunca para o comércio ou para a indústria.

Por isso acho perfeitamente racional a solução apresentada pelo Congresso das Escolas Comerciais e Industriais, realizado em Lisboa o ano passado: «só poderem ser admitidos

nos cursos superiores de comércio e técnico alunos habilitados com os respectivos cursos médios».

Era tudo quanto haveria de mais justo, se assim se fizesse.

A missão dos Institutos Comerciais e Industriais deveria ser além da que têm actualmente, constituir habilitação necessária e indispensável para a admissão nos cursos superiores.

Mas vejamos a nossa situação perante o caso: enquanto que para os institutos médios actualmente só vão aqueles que não pretendem tirar cursos superiores, ou aqueles que vão das das escolas comerciais ou industriais e que raras vezes vão depois tirar o curso superior, no Instituto dos Pupilos sucede exactamente o contrário, isto é, o que lá fora constitue a excepção é no Instituto a regra. Com efeito: raríssimos têm sido os alunos saídos do Instituto com o curso completo, tanto com o antigo 7.º ano como com o actual 2.º médio, que não têm continuado a estudar. Donde se conclui que os alunos do Instituto com a actual organização dos cursos estão em condições de desigualdade com os dos liceus no que respeita a admissão aos cursos superiores.

Isto não quer dizer de modo algum que não foi útil a introdução dos actuais cursos, pelo contrário, ela trouxe grandes vantagens e dela só advieram os prejuizos resultantes da obrigatoriedade dos novos cursos para os alunos que nessa altura frequentavam o Instituto.

Dois caminhos há a seguir: ou exigir-se para a matrícula no Instituto Superior de Comércio e no Instituto Superior Técnico, o mesmo que se exige para nós, isto é, o curso médio, ou crear-se no Instituto dos Pupilos o curso complementar dos liceus como continuação do Curso Primário Superior para os alunos que se destinam a esses cursos, o que trazia também a vantagem de nos podermos matricular em qualquer curso superior e não só no comércio ou no técnico como actualmente.

A solução mais justa seria a primeira como tenho dito, mas como é mais difícil de conseguir, ficaria a segunda como reserva dela.

«A justiça converte-se em injustiça desde que não se aplica a todos».

Vasco Martins

2.º ano da especialidade de comércio

Pede-se desculpa aos presados leitores de se ter publicado no último número com o nome de entrevista um artigo do nosso ex-colega Jaime Mascarenhas. — *A Direcção*.

Necrologia

David Manuel dos Santos

Mais uma vez a Morte na sua louca voracidade nos roubou um ex-camarada querido.

Cumpre-nos o doloroso dever de registar tão irreparável perda, pois que David Manuel dos Santos era um carácter diamantino, um excelente amigo e camarada.

Novo ainda, frequentando o curso de aspirantes a engenheiros maquinistas navais, não quis o Destino que elle pudesse colher os frutos da sua intelligência.

Foi uma morte que a todos nós veio ferir profundamente, pois que elle contava em cada aluno um amigo.

«O Profissional» em nome de todos os alunos envia os seus mais sinceros pezames á familia enlutada.

Faleceram durante o período de férias grandes os nossos camaradas da 1.ª Secção, alunos N.º 284 Soares e N.º 141 Procópio.

As suas familias os nossos sentidos peza mes.

A Direcção

Secção Scientífica

A indústria do cimento

Todos conhecem o importantissimo papel que o cimento desempenha nas construções modernas.

Pode dizer-se, mesmo, que este material de construção veio fazer uma verdadeira revolução no meio construtivo moderno, graças ao aperfeiçoamento dado ao seu fabrico durante os últimos anos.

O motivo da preferência pelo cimento sobre a alvenaria ordinária, é ter aquele em igualdade de dimensões uma resistência bastante maior.

No nosso país a indústria do cimento foi enriquecida com o aparecimento da Empresa de Cimentos de Leiria, com fábrica na Maceira, próximo daquela cidade.

Tivemos occasião de visitar a fábrica, ficando

bastante maravilhados, porquanto tudo aquilo é uma maravilha de técnica e de ciência.

Acompanhados na visita pelo engenheiro da Empresa, sr Rocha e Melo, começámos por admirar a central geradora, na qual se encontram instalados quatro motores «Diesel» que produzem a energia necessária para o funcionamento das máquinas.

O corpo principal da fábrica é um enorme edificio de 225 metros de comprimento.

A pedreira de marga encontra-se ao norte, de um dos lados da fábrica, e a de calcário ao sul.

Feita a exploração da pedra, esta é transportada por meio de «chariots» que giram em cabos aéreos e que conduzem as vagonetas carregadas, para os receptores, os quais mesmo com as pedreiras paradas podem fornecer pedra durante dois ou três dias.

Dos receptores, as pedras são levadas para os trituradores, por meio de umas calhas inclinadas, para lhes reduzir as dimensões, depois do que são elevadas para um reservatório por meio de alcatruzes, donde são conduzidas para uma balança situada na base e que pesa as quantidades proporcionais de marga e de calcário que se hão-de juntar, quantidades essas que foram previamente determinadas pelos ensaios.

Misturados os elementos, seguem para os moinhos rotativos para que a mistura seja homogénea dando um pó que se chama «farinha».

Faz-se sempre uma análise conscienciosa de forma que as proporções em que os elementos estão misturados seja tal que dê um cimento de muito boa qualidade.

Se a análise mostrar que as proporções não são as convenientes, os elementos entram nos receptores sofrendo novamente as operações já descritas.

A análise é tão rigorosa que não perdoa um décimo de diferença na percentagem dos elementos.

Quando a «farinha» for reconhecida como boa, é introduzida por meio dum funil de grandes dimensões no forno para ser cozida. O forno é de forma cilíndrica, de chapa de ferro, forrado interiormente de uma espessa camada de tijolo refractário.

O eixo do forno é obliquo fazendo um ângulo acentuado com a horizontal, recebendo um movimento de rotação por meio de uma enorme roda dentada que se ajusta a meio da periferia.

Mede o forno setenta e seis metros de comprimento e pesa quinhentas toneladas, sendo o maior que existe actualmente em Portugal.

Para se aquecer o forno, começa-se por acondicionar internamente algumas pilhas de enha, regadas com petróleo, ás quais se lança logo.

Na parte inferior do forno que é a parte oposta à entrada da «farinha» o forno apresenta um alargamento que se chama bojo e que tem o comprimento de quatro metros.

Pelo bojo é insuflado, por meio duma ventoinha, um jacto de pó de carvão que se inflama produzindo uma chama do mesmo comprimento do bojo.

A farinha é conduzida por meio de calhas para a boca do forno onde é introduzida à temperatura de quatrocentos graus; devido à inclinação do forno e ao movimento rotativo do mesmo, a «farinha» vai descendo a pouco e pouco sofrendo a acção de temperaturas cada vez mais elevadas, até que ao fim de quatro ou cinco horas chega ao bojo sendo fundida à temperatura de 1500°.

A seguir sofre um resfriamento ficando em pequenas amendoas de cozedura homogénea a que se dá o nome de clinquer.

Depende a boa qualidade do cimento, da perfeição da cozedura e portanto da qualidade do clinquer.

O clinquer é armazenado num grande depósito, que é um edificio de cerca de cento e cinquenta metros de comprimento, donde automaticamente segue para um moinho, que é uma possante máquina que consome metade da energia fornecida pela central, e que reduz o clinquer a pó, constituindo este o cimento que é transportado por hélices de Arquimedes para a oficina de embarricamento.

(Continua)

Porfírio Ferreira dos Santos

2.º ano da especialidade de máquinas

A balança económica

Como sabemos: *Balança Económica*, é a representação aritmética dos resultados do movimento económico de um Estado com os outros, em um tempo dado, referido ao valor da moeda.

Desta definição se conclui que a Balança Económica não é constituída unicamente pelo total da importação e exportação de mercadorias, como vulgarmente se julga.

Dentre os vários elementos os que mais influem na Balança Económica são:

- 1.º — importação e exportação de mercadorias;
- 2.º — despesas de transporte de mercadorias exportadas;

3.^o — juros de capitais colocados no estrangeiro;

4.^o — despesas feitas pelos estrangeiros no país;

5.^o — remessas de dinheiro dos emigrantes para o país de emigração;

6.^o — especulação em câmbios.

Bastará examinar a situação destes elementos principais para avaliarmos o estado da nossa Balança Económica.

1.^o — Começemos por ver a importação e exportação de mercadorias (Balança do Comércio), por isso que é este o elemento que maior influência tem na Balança Económica.

a) *Importação* — Infelizmente o valor da nossa importação é quasi duplo da exportação, sendo bastante para lamentar este facto, pois possuímos condições não só para igualar estes dois valores, mas ainda para tornar maior o da exportação.

Dos produtos que maior valor ocupam na importação vêm os cereais em primeiro lugar. De facto nós só possuímos pão para metade do ano aproximadamente; quando é certo que há terrenos bastantes e em boas condições de cultura, para termos pão durante todo o ano, bem como os demais produtos derivados da farinha. Bastaria para esse efeito que se cultivassem mais 300.000 hectares das charnecas incultas do Alentejo, que são propícias à cultura dos cereais, especialmente à do trigo. E se cultivássemos os grandes planaltos de Angola teríamos bastante trigo para exportar, ocasionando assim uma entrada de ouro. Isto no que diz respeito aos cereais; mas temos ainda outros exemplos como seja a cortiça que exportamos em bruto e importamos depois de trabalhada, sucedendo outro tanto com o cobre e com o ferro.

Por isto se vê, que o fraco desenvolvimento da agricultura e indústria, trazem como consequência uma maior importação que vem desequilibrar bastante a nossa Balança Económica.

b) *Exportação* — Todos os países têm procurado pelos meios ao seu alcance, introduzir nos mercados estrangeiros, os produtos que têm em quantidade superior às suas necessidades, afim de estabelecer o equilibrio da Balança Económica.

Para esse fim os individuos que se dedicam ao comércio e principalmente ao de exportação, estudam muito bem os mercados para que exportam e os seus caixeiros viajantes têm uma educação muito especial, de maneira a poderem exercer a sua profissão em boas condições. Assim se faz nos países mais civilizados nomeadamente na Inglaterra e Alemanha.

Em Portugal tem-se procurado fazer o mesmo mas se bem que já se obtivessem alguns resultados estes ainda não são os necessários.

Para conquistar os mercados estrangeiros é absolutamente indispensável juntar ao bom e útil o agradável, o que se não observa no nosso país. Por não se ter observado esta regra no nosso comércio de exportação é que os nossos fructos por exemplo, não têm para o Brasil a saída que seria para desejar.

A ambição de grandes lucros por parte de alguns comerciantes, compromete consideravelmente a nossa exportação, pois praticam grandes fraudes nos produtos que exportam.

São objectos principais da nossa exportação os seguintes productos: vinhos, conservas, cortiça, fructos, azeite etc, vindo em primeiro lugar os vinhos. Mas como sabemos este comércio diminuiu consideravelmente nos últimos anos, por duas razões: a «Lei Sêca» votada nos E. U. da América, e nos últimos tempos a aplicação da tarifa máxima sobre os productos portugueses que entrassem em França. Ora como sabemos, o que mais exportávamos para França eram vinhos, vindo portanto este corte de relações económicas, fazer com que os nossos vinhos não tivessem a mesma saída, prejudicando muito a nossa agricultura.

Tem-se procurado estabelecer um «Modus vivendis» com a França a fim de permitir a entrada dos nossos vinhos, mas por enquanto ainda não se conseguiu nada.

Dos outros productos que exportamos, só as conservas apresentam um successivo aumento na exportação.

Vejamos um exemplo do total da importação e exportação em 1919, para se poder ver já como se encontra desequilibrada a nossa Balança Económica, visto que como disse, este elemento é o que maior influência tem na mesma.

Importação 288.180.000\$00

Exportação 135.695.200\$00

No entanto nos últimos anos tem-se notado uma grande tendência para modificar tal estado de coisas, o que nos leva a ter esperanças no futuro, e a procurar por meio do trabalho o ressurgimento da Pátria.

(Continua)

Luis Augusto Gil

2.^o ano especialidade de comércio

Pedimos a todas as pessoas a quem enviarmos o nosso jornal, o favor de o devolver a esta redacção, no caso de não desejarem assiná-lo. — *A Direcção*

Secção Literária

Sonho dum Rei

Além, nos álgidos degraus da marmórea escada do palácio, estava sentado um velho já alquebrado que parecia ter mais íntimas relações com a repudiada e negra rainha-a Morte-do que, com a reluzente, mas traiçoeira fada—a Vida—.

O seu olhar apezar de pálido e fraco, era terno, era meigo, como o canto mavioso da irrequieta passarada.

Nesse olhar existia ainda o frescor da descuidada mocidade. Sobre as suas cãs brancas repousavam em desleixo enormes madeixas dos seus assetinados cabelos.

O espesso bigode, escondia-se, como as avesinhas em seu ninho, na alvura das suas compridas barbas que descreviam no espaço, ao sabor da leve aragem, espiraes frenéticas, curvas caprichosas.

Da pequena boca, meia oculta, pendia-lhe um cachimbo velho e denegrido, donde evoluía num frenesi louco e palpitante, a sombra taciturna do fumo. Era este pobre cachimbo, o que êle mais adorava neste mundo cruel, era o seu leal companheiro, era enfim... a única coisa que lhe roubava os momentos de melancolia, trocando-os por outros tantos de meditação e de paz.

Os transeuntes passavam lestos, olhando indiferentes o desgraçado, que parecia consolar-se com o bálsamo quente de alguns olhares ferinos, ou com o einismo daqueles que sorriam com desprezo.

E assim voavam as horas, horas de impia amargura, horas de infinita tristeza para aquele ente abandonado!

Mas eis que surge um monstro, o mordomo do palácio, que ao ver o pobre velho assentado na escadaria, com voz trovejante, lhe ordenou:

— Sae daí, cão maldito!

O velho coitado, era surdo...

E o mordomo ao ver que a sua ordem não fôra cumprida, chega junto ao infeliz e com um fero pontapé, atirou-o à lamacenta estrada, mas... oh Senhor, foi atropelado por um veículo que passava.

De súbito, grande confusão, medonha bal-

búrdia, no palácio se notou: era o rei que acordara em sobresalto e que, ainda em sonhos, via passar as rodas da carruagem sobre as suas «falsas costelas», que se quebravam uma a uma, fazendo com que S. M., o venerando monarca, iniciasse um «fox-trott» moderno, sobre as riquíssimas alcatifas do seu luxuoso quarto, acompanhado de enormes berros, que mais pareciam o rugir do selvático leão.

— «Emborcation», foi a sua primeira ordem, tragam «emborcation»...

Aldemiro E. Pires

1.º ano da especialidade de comércio

Secção Humorística

Notas à Margem

Convidado a dar a minha abalizada opinião sobre o que será o ano lectivo 1924-1925 para os alunos do Instituto, resolvi satisfazer esse pedido, por saber de quanta utilidade será para êles algumas, senão todas, as minhas previsões.

Subi até ao meu observatório e munido de alguns instrumentos que tem poderosamente contribuído para o progresso, como sejam o duplo decímetro, a balança decimal e o binóculo de teatro, comeci as minhas investigações.

E' sob a influência directa do planeta Ottag que estaremos este ano.

Será o ano lectivo 1924-1925 um ano divertidamente passado no Instituto. Todos ficarão com admiráveis e imperecíveis recordações.

Não faltarão divertimentos de toda a espécie, atractivos de toda a qualidade e gozos de todo o preço.

Sobre vencimentos também não vamos nada mal. Está já absolutamente assegurado o aumento de vencimentos, no que tem sido incansável a comissão de peoramentos. Não há portanto razão para alarmes, o que tem dado lugar aos mais desencontrados boatos de alteração de ordem particular.

Na realidade a situação actual é insuportável. O preço dos géneros aumenta dia a dia: o tabaco, fósforos, mortalhas, a lata do fumador, etc. Como se comprehende que o fumador subsista na sua tranquilidade habitual com o coeficiente 3, só lhe sendo applicado o coeficiente 5 em caso de reincidência?

Ora isto é no que se refere a estes funcionários de categoria superior, já podem pois calcular a situação do pessoal menor.

Contudo os fumistas mantem o firme pro-

pósito de não aceitar o coeficiente 15 nem mesmo o *nine*. É sobretudo louvável como eles atendem exclusivamente às suas conveniências.

Pelas informações colhidas e ainda pelas observações feitas com um poderoso telescópio, que o povo ignorante chama vulgarmente «um baralho de cartas», tudo será resolvido de momento a descontentar absolutamente os interessados.

Examinemos agora o planeta «Dispensa» e o seu satélite «Cozinha». O observador julga a principio ter-se enganado com o planeta pois não consegue divisar as habituais manchas castanho avermelhadas que caracterizam este planeta. Volta a assestar novamente o binóculo de teatro e vê que realmente não há engano embora tenham desaparecido as citadas manchas. Temos portanto ausência daquilo que vulgarmente nós chamavamos feijão de capa de oleado, ou seja científica e quimicamente falando, o sulfidrato de ozono tetra clorado (ozonite). Com efeito, factos há que confirmam já esta descoberta. Ora todos sabem que o ozonite vinha da Aelmanha por conta das reparações devidas a Portugal. Não via a França com bons olhos que a Alemanha, nação vencida, estivesse a fornecer munições a diversos países, uma vez que por todas as formas se pretende assegurar a paz mundial. E tanto trabalhou que conseguiu na Assembleia Geral das Nações que a questão do desarmamento fôsse solucionada de vez.

E aqui está como dum momento para o outro nos vemos privados do alimento predileto dos perturbadores da paz.

Agora sobre o grão é que se não tomaram resoluções, porque os delegados espanhóis opuseram-se terminantemente, dizendo que o «gravanzo» era completamente inofensivo. De modo que o grão continuará a ser utilizado, mas exclusivamente destinado á manutenção da ordem pública.

A farinha de pau que vinha da Tcheco-Slováquia parece também que deixará de vir, em virtude da influência destruidora que a aproximação de Marte teve sobre o pau da farinha.

* * *

A balança decimal acusa nos um ano plumbífero mais abundante do que o ano passado.

Contudo a sua produção não será de molde a assustar-nos.

Os professores não fugirão ás característi-

cas do ano e por isso apresentar-se hão extremamente alegres e divertidos e as aulas verdadeiras pandegas, passar-se hão, num contínuo abrir e fechar de bocas.

Nalgumas chegar-se hã a cantar fados á guitarra mas evidentemente que não pode ser em voz muito alta por causa de não incomodar qualquer sessão de espiritismo que os esteja realizando na aula do lado.

Outras hã que serão verdadeiros casinos com todos os apetrechos indispensáveis para o seu funcionamento.

Ainda outras serão verdadeiras alfaiatarias com toda a perfeição no corte.

Outras terão o carácter horticola, em que os alunos irão para o quintal tratar das batatas, dos nabos, das couves, etc, etc.

Estou já adivinhando uma pergunta que se está formando no pensamento do leitor:

Então no fim do período as notas como serão dadas? Deixa-me pois sossegar um pouco o leitor amigo: As notas serão dadas segundo a Lotaria da Santa Casa da Misericórdia, mais proxima do fim de período. Eu explico melhor: a nota é dada pelo número formado pelos dois ultimos algarismos, correspondendo o número mais premiado do primeiro aluno da classe e assim sucessivamente.

Quando o número fôr superior a 20, far-se hão as respectivas rectificações, tendo sempre em vista a fase da lua nessa ocasião e as horas de preamar e baixamar.

Mas, como tudo nesta terra, este sistema tem também opposição. Assim alguns não concordam com este método. E' claro que esses são os mais exigentes. Querem eles então, que se faça no fim do período um concurso de fados que poçem ser acompanhados á viola, á guitarra, pratos ou mesmo tambor. Sim, ... não fazem questão de instrumento ... mas o que querem é que se prestem provas.

O movimento desportivo há de ser considerável este ano.

As taças chegar-nos hão de todos os lados.

E isso causará sérias apreensões á Direcção do Instituto, por não saber onde as meter. Há já quem diga que os guarda-fatos com porta de pau onde se encontram os nossos capotes em plena assembleia geral, serão para tal fim utilizados, para o que se tem de arranjar as respectivas suspensões.

Outros dizem que os impermeáveis vão sair dos guarda-fatos, mas simplesmente para os alunos neles se treinarem em equilíbrios no arame para o primeiro sarau que houver no Coliseu para que sejamos convidados.

De positivo só lhes posso dizer e que as taças hão-de vir.

Aqui tendes leitor amigo dum modo geral, porque não há tempo para mais, o que será o ano letivo 1924-1925 no Instituto.

E' na realidade esplêndido, não é verdade?

Hauptwörter

Secção Desportiva

Banhos de ar e de Sol

Se há principios higiénicos que em Portugal estejam realmente atrasados, o uso dos banhos de ar e de sol é um deles e não dos menos importantes.

Só poderá ter uma boa saúde, alegria de viver e energia para trabalhar aquele que respira o oxigénio do ar puro e expõe o corpo nú ao sol, ou pelo menos á luz do dia.

Nos países mais adiantados em principios higiénicos e cultura física como a Suíça, a Alemanha, a Áustria etc, existem estabelecimento de banhos de ar e de sol.

Estes estabelecimentos de utilidade higiénica e moral considerável, constam geralmente dum jardim rodeado de uma alta paliçada dentro do qual o «banhista» encontra instalações para banhos de ar e duches, piscinas, quartos para mudar de fato, aparelhos de ginástica, terrenos para repousar, para a prática de exercicios desportivos, pistas para corridas, taboleiros de relva, restaurante, mesas, camas volantes, etc, enfim toda a espécie de boas e salutaes distrações e comodidades.

Estes estabelecimentos teem duas secções balneares, uma para homens e outra para senhoras.

Aqui entreteem-se os «banhistas» jogando, fazendo exercicios fisicos, lendo, etc, e as senhoras por vezes costurando.

Nestes balneários os homens usam calções curtos; as senhoras trazem um vestimento leve, uma espécie de bata comprida.

Vejamos o que diz, a respeito destes benéficos banhos de ar e de sol, o grande ginasta dinamarquês mundialmente conhecido e admirado, J. P. Müller.

«A luz solar destroi uma grande quantidade de micróbios e doutros germens de doença e quem se expõe todos os dias a essa luz torna o sangue mais rico e espesso e adquire uma boa disposição de espirito que se traduz por aumento de alegria, por felicidade de viver.

(Continua)

José de Faria e Silva

Ecoss

Com o 2.º ano médio de Comércio saíram os nossos camaradas: Praça, Fonseca, Neves, Loureiro, António Dias, Máximo, Roque, Ribeiro Ferreira, Pinto, Brito, e Ferreira.

Estes três últimos foram admitidos à Escola Naval onde vão frequentar o curso de Administração Naval juntamente com o nosso colega Vilarigues.

Com o 1.º ano de Máquinas saíram os nossos presados camaradas: Carlos Alberto da Silva, José Alegria e Avelino Guimarães, os quais são aspirantes a engenheiros maquinistas navais.

Sairam também com o 4.º ano oficial os alunos: Falcão, Cabanas, Fogaça, Carvalho, Maleitas, Afonso, Duarte, Pereira, Dias, Lobo e Extremoz.

Com o 1.º ano geral e 2.º do mesmo curso saíram respetivamente, os alunos Rogério dos Santos, e João Vieira.

O *Profissional* em nome dos alunos deseja-lhes inúmeras felicidades.

Reassumiu as suas funções de professor da Cadeira de Matérias Primas o Ex.^{mo} Snr. Edgar Cardoso que há anos se encontrava ausente do Instituto.

Em nome dos alunos os nossos respeitosos cumprimentos.

Em harmonia com as resoluções do última Assembleia Geral, como noutra lugar damos conhecimento aos nossos leitores foram eleitos para fazerem parte do Conselho Fiscal os nossos colegas: João Domingos, presidente; Augusto Gil, vogal relator; Belizário Vieira, secretário.

Realizou-se no corrente mês a prova de tiro Juventude a que concorreu o Instituto.

A classificação final foi:

1.º Armando Serra; 2.º João Antas; 3.º Manuel Gonçalves.

Por absoluta falta de espaço somos forçados a não publicar, o Relatório de Contas da última gerência e ainda outros artigos, pelo que pedimos desculpa aos seus autores, prometendo-lhes publica-los no próximo número.

Numero avulso 1800



MENSÁRIO DOS PÚPILOS DO EXÉRCITO



Comandante SACADURA CABRAL

O PROFISSIONAL

N.ºs 69-70 — 9.º ano

Comp. e imp. na Tip. dos Pup. do Exército
Tel. 55 Benfica

Novembro e Dezembro de 1924

ADMINISTRADOR
Américo Calado

CORPO DE REDACÇÃO
António Zúquete; Porfírio F. Santos, redactor principal
Humberto S. Pereira, secretário

DIRECTOR
Vasco Martins

SACADURA CABRAL

O herói da Travessia do Atlântico

O mar, velho leão azul de juba branca, jãmais pôde perdoar aos Portuguezes o terem, desdenhando das suas tremendas fúrias, desvassado os mais recatados e maravilhosos países do mundo, que êle defendia com o obstáculo do seu corpo formidável. Quando os valerosos navegadores se aventuraram sôbre as suas águas em busca do desconhecido, êle sacudiu o corpo em medonhas cóleras, povoou a sua superfície de horrores legendários. Foi inútil. Os audaciosos mareantes riram-se dos furores do monstro. E então, numa raiva concentrada, êle jurou vingança. Aqueles que tinham zombado das suas fúrias, aqueles que tinham audaciosamente transposto os limites que êle marcara, haviam de morrer nas suas garras. E assim succedeu. Muitos dos nossos mais gloriosos antepassados tiveram por sepultura o imenso Mar. Poucos foram os que, tendo afrontado o Oceano, não pereceram nas suas ondas...

E eis que nos nossos dias, alguém de ânimo destemido e alma antiga, ousa afrontar o poderoso Oceano, voando, em tiradas épicas de condor, sôbre a sua fronte magestosa, sorrindo com desdem das suas fúrias!... Foi Sacadura Cabral. O tórvo Oceano não esqueceu a afronta. E esperou, raivosamente, o momento da vingança...

Foi uma tarde nevoenta e fria de Novembro, no frio mar do Norte, que o rancoroso Neptuno nos arrebatou o Herói duma forma misteriosa, inexplicável, para sempre encoberta nos fatais nevoeiros dêsse dia. Nunca se soube nem nunca se saberá ao certo quando e onde pereceu o expoente máximo da nossa aviação. E criou-se mais um Encoberto, como D. Sebastião, como Guynemer. Talvez haja ainda quem creia que o Herói há-de aparecer, numa manhã doirada de sol, voando no azul infinito...

Sacadura Cabral é morto. Afrontando audaciosamente o Oceano, teve o fim de muitos dos seus gloriosos antepassados. Mas *talis vita, finis ita* e a morte do grande aviador é digna da sua vida. As condições misteriosas em que desapareceu, contribuem para dar à sua figura e à sua memória uma auréola de mistério, de lenda e de heroicidade, que passará através das gerações doirada com os enfeites da tradição.

Portugal perdeu, com Sacadura, um dos seus filhos mais gloriosos, um dos que levantaram o seu nome esquecido nesta época de decadência. A Pátria deve ser-lhe grata, pois que viveu para ela e morreu por ela. Que as manifestações de luto revistam o carácter de uma consagração; que a sua memória seja perpetuada com um monumento digno daquele a quem é dedicado. Já que não poderemos possuir o seu corpo, que foi amortalhado pelas águas, que fique em nós ao menos a sua recordação, eterna e imutável, com um altar em cada coração Português.

Extinguiu-se a chama que animava o corpo de Sacadura Cabral, que jaz inerte e frio. Não mais veremos a sua face serena e resoluta sorrir em frente de um peigo. Não nos será dado sepultá-lo na terra Portuguesa. Mas a sua alma, a sua grande alma, eterna e indestrutível, maior que todo o Oceano, porque é imaterial, essa perdurará eternamente, acima do mar, acima do azul, acima das estrêlas, pairando por sôbre os nossos corações, guiando-nos, como estrêla divina, no árduo mas belo caminho do Dever, e tutelando, na imensidade do tempo e do Espaço, os destinos altos e formosos de Portugal.

Lisboa, 15 de Dezembro de 1924

António Marcelino

2.º ano da especialidade de comércio

A Aurora da Liberdade

Evidenciando uma das imorredoiras datas que enaltecem as páginas gloriosas da nossa fulgurante História, realizou-se neste Instituto (2.^a secção) uma sessão solene no dia 30 de Novembro, destinada a comemorar o dia 1 de Dezembro, dia da Ressurreição da Pátria, agrilhoadada pela prepotência dos Filipes de Espanha. Essas páginas que transverberam feitos de emocionante patriotismo e heroicidade, irissadas por actos de sublime Lealdade, de Amor e de Fé, demonstram o mérito e o valor incomparáveis do povo de quem somos filhos, e como outrora êle cónscios dos nossos deveres, e como patriotas que somos, concorreremos com o nosso modesto préstimo no alevantamento da Pátria querida, conquistada com rasgos de audácia e valentia e que parece querer submergir-se num lodaçal imenso, vórtice de egoísmo de desconfiança de premeditada má fé.

Nessa sessão, presidida pelo nosso Ex.^{mo} Director, usou da palavra o Ex.^{mo} Sr. João Lopes Soares, distinto professor de História Geral na 1.^a Secção, que numa brilhante oração, entusiasticamente proferida, exaltou a data gloriosa que no dia imediato Portugal ia saudar com os olhos mádidos de lágrimas, que seriam um mixto de saudade pelos herois de então e prazer pela Liberdade gozada e sempre desejada de hoje.

No começo do seu discurso o orador refere-se a alguns zoilos que sem razão, irónicamente desdenham do povo português por êste se orgulhar das obras do passado e nenhuma possuir no presente que mostrem claramente a sua vitalidade. Discordando S. Ex.^a de tão errónea como insensata opinião, lembra que o passado é a fonte onde se vão apreender as energias necessárias à posteridade para a execução de novos feitos que concorram para o ressurgimento da Pátria. Seguidamente faz a descrição do movimento e razões que o provocaram, do qual resultou a Pátria poder dizer de novo e com mais calor a palavra sempre bela e perenemente nimbada de policromas luzes — Liberdade —.

Alfim, o ilustre orador frisa a unificação das duas ideias sinónimas de Pátria e República, inconcebíveis uma sem a outra.

Fez depois uso da palavra o nosso Ex.^{mo} Director para nos apresentar alguns membros da comissão do primeiro de Dezembro, que nos deram a honra da sua presença, um dos quais proferiu algumas palavras mostrando o trabalho que teve a dita comissão em alastrar

as festas desde as grandes cidades até aos centros de mais secundária importância. Encerrada a sessão, aos ilustres visitantes foram patentes as dependências do Instituto que lhes causou agradável surpresa pela ordem e disciplina existentes nesta Instituição.

Freitas e Silva

2.^o ano geral



LISBOA — MACAU

As velas audazes de Portugal, que rasgaram com a sua alvura as trevas do mar Tenebroso, que desfizeram lendas seculares de monstros e horrores, essas velas gloriosas que se arrojaram a todos os mares do mundo, levando a toda a parte a pujança do braço Português, abateram-se um dia, altivas e cançadas, como se abate e desfaz no mar um farapo de nuvem rasgado pelo vento. Abateram-se e desfizeram-se como um sonho, no dia malfadado em que a corrupção devorou os fortes corações Portugueses.

Foram esconder-se, tristes, a sós com as suas recordações e com as saudades dos heroicos capitães que as levaram a todo o mundo, e vendo o abutre estrangeiro enlaçar Portugal exausto nas suas garras, aguardaram pacientemente o dia do ressurgimento, para novamente o levarem à glória antiga.

*

Portugal ressurgiu. Sacudiu, num impeto, o abutre que lhe devorava as entranhas, e retomou o seu caminho na senda do Progresso, como caminheiro um momento transviado que volta à estrada.

Mas as velas estavam mortas, postas de parte, como um vestido fora de moda que se deixa de usar. A vela tinha perdido o papel preponderante que exercera durante tanto tempo. O vapor tinha-lhe sucedido.

Além disso, nenhuma terras havia a descobrir. Os Portugueses, no seu anseio de glória, no fito constante de levarem sempre mais longe a Cruz de Cristo, tinham patenteado à luz da Civilização todas as partes do mundo. As quilhas dos navios sulcavam todos os mares. E as velas Portuguesas, lindas na sua alvura matizada pela cruz vermelha, para sempre inúteis, iam desaparecer.

Mas não! Um novo caminho, virgem, inexplorado, se abre às investigações do homem. A terra é cruzada em todos os sentidos, o mar é devassado em todos os recantos.

Falta o espaço. Sim, o espaço! Essa nova

via de comunicação; que deixa entrever no futuro os mais largos horizontes. Essa nova carreira cheia de beleza, de emoção, de imprevisto, de sensações novas. E as aeronaves surgem. Surgem azas palpitantes, inexperientes ainda, pombas mansas de vôos curtos, que vão lenta mas inexoravelmente devassando os espaços. Mas a fraca pomba, cobrando forças e arrojo na fonte da experiência e dos aperfeiçoamentos mecânicos, torna-se pouco a pouco em magestosa águia.

Começa a grande cruzada da navegação aérea, a que Portugal se associa.

E então, uma nova era de esplendor se prepara. Voltam os descobrimentos. E a antiga Vela tem na moderna Asa a sua consagração. Vai novamente cobrir-se Portugal de glória.

As velas transmitem às azas a sua alvura imaculada e a sua gloriosa cruz de Cristo, que depois de ter cruzado todos os mares vai cruzar os ares altivos, esmaltando os soberbos aviões como caravelas antigas.

E surgem os modernos descobridores, dignos dos antigos. A epopeia dos descobrimentos ressuscita, mais bela que nunca. Já Sacadura Cabral e Gago Coutinho se tinham immortalizado, devassando o caminho aéreo Portugal-Brasil. Na esteira luminosa destes dois heróis seguiram agora mais três; três nomes a gravar na história: Brito Pais, Sarmento Beires, Manuel Gouveia. Num vôo triunfal de Portugal á Índia, onde a águia branca feriu as asas, erguendo se de pronto para o novo vôo da Índia-Macau, eles foram os sucessores de Coutinho e Cabral na sua missão de mostrar ao mundo que há Portugueses de hoje que valem os de outrora. Por sobre mares, desertos, montanhas, florestas eles foram levar ao mais longínquo torrão Português uma lembrança da Pátria mãe. Glórir, pois, a estes três homens de rija ténpera. Que os seus nomes sejam sempre lembrados com orgulho na mente de cada Português. Que cada um de nós renda um sincero preito de homenagem aos obreiros de tão alto feito, que nos enobrece e dignifica. Que todos nós, mocidade de agora que seremos amanhã cidadãos Portugueses com graves deveres, procuremos retemperar a nossa alma em tao grandes exemplos que podem bem ser o prenúncio do ressurgimento de Portugal. E que para sempre, cada Português apontando na carta o cantinho da Europa que representa este torrão querido, possa exclaimar com orgulho:

ESTA É A DITOSA PÁTRIA MINHA AMADA.

António Marcelino

2.º ano de especialidade de comércio

Homenagem

No dia 13 do corrente realizou-se uma festa promovida pelos alunos da 1.ª secção em homenagem ao seu regente Ex.^{mo} major Vitorino Guimarães.

Se há festas de homenagem bem merecidas, esta foi uma delas, pois todos sabem quanto o Instituto deve ao Ex.^{mo} major Vitorino Guimarães. Aliando à sua dedicação por este estabelecimento a sua influência como politico e homem de estado, S. Ex.^a conseguiu que o Instituto seja uma obra verdadeiramente modelar o que honra não só o seu fundador como a República.

Quiseram os alunos da 1.ª secção testemunhar-lhe o reconhecimento pela obra que tem realizado e que ela não lhe tem passado despercebida. Por isso fizeram-lhe uma festa de homenagem, simples e modesta, mas duma sinceridade que não pode ser posta á dúvida.

Foi no refeitório que se realizou a sessão solene presidida pelo Ex.^{mo} Director que era secretariado pelos Ex.^{mas} Srs. ten-coroneis Tasso Cabral e Cezar Ferreira.

Á entrada do Ex.^{mo} Sr. Regente os alunos da 1.ª secção cantaram o Hino do Instituto.

O Ex.^{mo} major Vitorino Guimarães era acompanhado pelo Ex.^{mo} Director e corpo docente.

Os alunos da 2.ª secção faziam-se representar por uma deputação.

Entre a assistência viam-se algumas senhoras.

Aberta a sessão usou da palavra o aluno da 1.ª secção n.º 156, Silva que leu um discurso em que saudava S. Ex.^a. Seguiu-se-lhe o comandante da companhia da 2.ª secção Vasco Martins, que leu uma mensagem dos alunos desta secção e ofertou em nome dos mesmos alunos uma pasta.

A mensagem contida na pasta, e por nós oferecida era do teor seguinte:

Ex.^{mo} Regente da 1.ª Secção do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército de Terra e Mar, Sr. Victorino Máximo de Carvalho Guimarães.

Impossível se torna aos alunos da 2.ª Secção deste Instituto assistirem impassíveis ao passar deste dia sem elevarem até V. Ex.^a a expressão das suas felicitações modestas mas veementes, apagadas na forma, mas impregnadas do mais vivo sentimento de affecto.

E que nós jamais poderemos olvidar que o Instituto, cujos filhos adoptivos somos, têm encontrado sempre em V. Ex.^a um patrono a

cuja dedicação muito deve, e dentro dêle, os Pupilos, de V. Ex.^a recebem a inteligente e carinhosa orientação que lhes guia os primeiros passos.

Estas saudações envolvem portanto o significado da nossa sentida gratidão, porque neste dia, e sempre, recordaremos com saudade os bons tempos de infância em que, sem preocupações de espécie alguma, começávamos como inexpertos nautas a sulcar um mar incerto, confiados apenas na perícia de um piloto que, de mão firme e saber seguro, nos evitaria os perigos da rota, nos iniciaria na luta contra os vendavaes da vida.

Esse piloto foi V. Ex.^a, a quem hoje vimos apresentar o tributo insignificante do nosso preito, e dizer-lhe que esta homenagem, simples e despretenciosa, é feita por aqueles que, sabendo não poderem nunca saldar a dívida de gratidão que contraíram, dão mostras de apreço pelo alto valor da pessoa que homenageiam, e, à falta de engalanados períodos, procuraram que ela fôsse repassada de sentimento, exprimindo sincera amizade, porque a ditou o coração.

Instituto, em 13 de Novembro de 1924.

Os alunos da 2.^a Secção do Instituto dos Pupilos do Exército.

Lida a nossa mensagem falou o sr Instrutor militar da 1.^a secção que fez o elogio da obra do homenageado dentro do Instituto, fazendo ver que o estado actual do Instituto era em grande parte devido ao Ex.^{mo} Regente.

Falou em seguida o Ex.^{mo} tenente-coronel Cezar Ferreira que começou por felicitá-lo pelo seu aniversário natalício, e que em nome dos alunos agradecia todos os esforços feitos no sentido do engrandecimento do Instituto, pois S. Ex.^a além dos benefícios de ordem moral, tem conseguido verba para a construção de novos pavilhões não só quando no desempenho das funções de Ministro das Finanças mas também pela sua influência como político.

Teve em seguida o uso da palavra o Ex.^{mo} Director que depois de breves considerações sobre o efeito moral desta festa, convidou a Ex.^{ma} Snr.^a D. Alice Guimarães, esposa do homenageado, para descerrar o retrato deste.

Por entre uma prolongada salva de palmas foi então descerrado o retrato do homenageado.

Finalmente falou bastante comovido S. Ex.^a que agradeceu a homenagem que lhe fora feita e que o estado actual do Instituto não se devia a êle mas sim ao corpo docente do Instituto, tomando a homenagem não como para êle mas

sim para todos os que têm dirigido esta instituição, sendo portanto êle sómente um símbolo honra que agradeceu aos colegas presentes, e, que, se alguma cousa havia a agradecer era à República e à Pátria porque êle tinha cumprido o seu dever, reconhecendo que, a única maneira de mostrarmos o nosso reconhecimento era por meio do trabalho e honrando sempre a nossa Pátria e o Instituto.

Novamente os alunos da 1.^a Secção cantaram o Hino do Instituto e o Hino Nacional.

Pelo Sr. Director foi em seguida encerrada a sessão tendo-se o homenageado retirado, acompanhado de todos os officiaes que se achavam na sala.

António Leitão Zúquete
1.^o ano da especialidade de comércio



Relatório da gerência 1923-1924

Na minha qualidade de único membro da Direcção transacta que actualmente se encontra no Instituto compete-me dar conhecimento à Assembleia do que foi a acção desenvolvida por essa Direcção durante a gerência 1923-24.

Pode dizer-se que em ano algum como no transacto uma direcção teve a vencer tão grandes dificuldades.

O *Profissional* esteve bastante longe de ter uma publicação regular. Mas não se julgue que essa falta foi devida ao desleixo ou incúria da Direcção. Ela trabalhou sempre com vontade e, se mais não produziu, isso foi devido a causas estranhas que mais ou menos são conhecidas, mas às quais vou referir-me:

Saiu o número 63 relativo ao mês de Novembro em meados de Dezembro; os números seguintes, 64 65, relativos aos meses de Dezembro de 1923 e Janeiro de 1924 saíram em 31 de Janeiro, e se nos vimos forçados a juntar os dois números foi devido às férias do Natal.

Em meados de Fevereiro faleceu o Ex.^{mo} Dr. Lino Ferreira e esse facto aliado ás dificuldades que começaram a surgir-nos da officina, retardou-nos a saída de outro número.

Mas eis que surge o falecimento do Ex.^{mo} Regente António Ferreira de Sousa. Resolvemos juntar novamente outros dois números afim de podermos inserir as duas gravuras.

Nesta ocasião começaram a afluir às nossas officinas trabalhos urgentes, e de maior importância o que dificultou imensamente a tiragem do nosso mensário.

Houve mesmo uma ocasião—durante as férias da Pascoa,—em que quando já estava quasi

composto, foi mandado distribuir para se poder imprimir as «Teses do Congresso Nacional de Natação».

Enfim depois de bastantes esforços conseguiu-se levar para a máquina já totalmente composto.

Então partiu-se uma peça importante da máquina de impressão que a impossibilitou de trabalhar e o mensário foi forçado a uma nova demora.

Daqui resultou ter de se mandar imprimir numa oficina lá de fora que muito nos sobrecarregou as despesas como é fácil de supor.

Vou agora apresentar alguns dados extraídos do livro Caixa por onde se poderá ver o destino dado ao dinheiro recebido.

A anterior Direcção havia-nos legado uns encargos superiores ao numerário que deixava em caixa, uma diferença de 50\$00.

Pois conseguimos não só pagar as despesas como também todos os encargos por nós tomados e ainda deixámos um saldo de 64\$80 que junto a 24\$00 depositados no cofre da 2.^a companhia, prefaz um total de 88\$80.

As receitas estão assim discriminadas:

Saldo do ano anterior	103\$15
Levantado do cofre da 2. ^a Com... ..	105\$00
Venda avulso	78\$15
Recebido do ex-aluno Agostinho .	
que estava em débito	10\$00
Recebido de assinantes	335\$60
O que fazem um total de... ..	631\$90

As despesas foram conforme se pode ver nos documentos que se referem às seguintes contas:

Pago ao Conselho Administrativo.	
facturas n. ^{os} 428, 573 e 499 rela-	
tivos ao papel dos n. ^{os} 53 a 62.	268\$00
Idem pelos n. ^{os} 63 a 67	89\$00
Despesas de impressão com os...	
n. ^{os} 66 e 67	60\$00
Gravuras	78\$20
Importância com que subscrive...	
mos para as coroas dos Ex. ^{mos} .	
Dr. Lino Ferreira e comandante	
Ferreira de Sousa	20\$00
Despesas várias	14\$40
Depositado no cofre da companhia	37\$80
Soma	567\$10
O que dá um saldo de	64\$80
	631\$90

Nesta conta de despesas gerais estão incluídos:

Selos	10\$00
Transporte	4\$40

Para terminar saudamos a Assembleia e cumprimentamos a nova Direcção.

Fernando Caetano
1.^o ano geral

O saldo geral da gerência por nós apurado é de 147\$85. O saldo de 64\$80 que mostra o relatório acima é o do livro «Caixa» quando a última Direcção deixou de exercer o seu mandato.

A Direcção

Esclarecendo

Numa pequena local publicada no número anterior, pedimos desculpa aos nossos leitores de se ter publicado num dos números do ano passado um artigo do nosso ex-colega Jaime Mascarenhas, com o título de entrevista.

À primeira vista pareceria que o procedimento de Jaime Mascarenhas não tinha sido correcto, mas o nosso ex-colega Coelho da Fonseca na qualidade de director de *O Profissional* na data da publicação do citado artigo escreveu-nos uma carta, chamando sobre si todas as responsabilidades.

Gostosamente publicaríamos essa carta, mas isso seria contra as normas estabelecidas no regulamento do mensário.

Em resumo, Coelho da Fonseca considera-se como único culpado da publicação do artigo de Jaime Mascarenhas.

Desta forma o assunto fica devidamente esclarecido, e por tal o damos por liquidado.

A Direcção

A despedida de «O Profissional»

Ninguém ignora que o velho, mas conservado, *O Profissional* se encontra no leito da morte aguardando somente o fim daquele que lhe há-de servir de companheiro o ano de 1924 para partirem os dois para a eternidade.

Já na agonia da morte lembrou-se que não devia partir sem dizer algumas palavras a seu filho, àquele que lhe há-de suceder na sua missão, por vezes tão ingrata.

Um pouco perplexo, procurando a todo custo dissimular quanto lhe custa o desaparecimento de seu pai, aproxima-se do leito disposto a escutar e atender as suas últimas palavras, ditadas pela sua experiência da vida.

Sentai-vos e escutai me exclamou o velho.

Meu filho: quero antes de partir contar-te em poucas palavras o que foi a minha existência.

Por vezes na minha infância julguei que não podia haver pessoa mais feliz do que eu

todos me adoravam, de todos os lados recebia inúmeras provas de carinho, tudo em volta de mim era excessivamente poético e como consequência comecei a dedicar-me á poesia com tal entusiasmo que tudo para mim era prefresco para fazer um versozinho...

Tive composições admiráveis.

Lembras-te das Quimiquiadas do Dr. Barita?! E as que eu de dicava ás minhas bem amadas... oh! belos tempos!...

Mas não julgueis, filho amigo, que só a poésia me preocupava.

Para mim o romance, o conto, a história era também de enorme valor. Cada vez que me lembro daquela minha obra Ao Luar... E outras que alcançaram grande sucesso. Ela... Recordando(A alguém)... uma série enorme que eu dediquei a pessoas que me eram queridas.

Cheguei-me a convencer que havia de ser um grande literato.

Dos desportos só o que me merecia a critica era o *foot-ball*.

De tudo o que menos me preocupava eram os assuntos scientificos.

Que enorme massadoria era para mim um assunto scientifico. A principio ainda fiz qual-quer coisa, mas depois comecei-me a aborrecer e pouco a pouco, chegando a desprezar por completo tal assunto para dedicar tôda a minha atenção à minha querida poesia.

Agora por fim arranjei um desenojoativo para não dizerem que eu desprezava a sciência como coisa inútil—eram as Curiosidades Sciêntificas.

Por vezes o discurso entusiasmou-me de tal maneira que eu não resistia à tentação de o transcrever e sempre que me era possível na integra.

A monotonia, a tristeza desoladora sempre me caracterizou.

Mas como te disse, de principio tudo me sorria e encantava.

Mas em breve, a cruel desilusão de que a vida não era um simples sonho côr de rosa, avassalou-me o espirito e começo a ser desprezado por aqueles que tinham por obrigação não me adandonarem.

Então a vida para mim começa a ser uma tortura sem fim. Abandonado e desprezado, começo eu a mendigar de porta em porta, apelando para a generosidade daqueles de quem implorava auxilio. Poucos me escutavam, e destes que tão generosamente me auxiliaram ainda me recordo de dois: Jaime de Mascarenhas e Abílio Quadros. E assim é que eu saindo normalmente todos os mezes, passei a

sair de dois em dois, de três em três, chegando a estar retido quási um semestre.

Fui acometido de crises enormes, julgando por vezes que o fim dos meus dias não estaria longe.

Agora se vou morrer, é porque deixo um sucessor digno e capaz de honrar a minha memória.

Por isso morro tranqüilo e satisfeito.

Lembra-te, filho meu, que fui poeta, roman- cista, literato, desportista, cientista. Quero que sejas tudo isto mas por ordem inversa.

Prometes?! Sim, meu pai, foram as únicas palavras pronunciadas pelo filho querido.

Está bem. Vou satisfeito. E agora, agradece por mim a todos os nossos amigos que me dispensaram os seus carinhos e as suas atenções.

Adeus, filho meu. Não faças o que eu, fiz mas sim o que eu te disse.

Obri...ga...do.

E morreu *O Profissional*. Exalou o último suspiro agradecendo a todos os que lhe prestaram os seus serviços.

Seu filho — *Os Pupilos do Exército* ocupa já o seu lugar. Tenhamos esperança na sua acção, mas ajudemo-lo todos para que êle possa cumprir a sua promessa,

Vasco Martins

2.º ano de especialidade do comércio



O título de engenheiro

Por uma lei saída em Julho do ano passado, os alunos que completaram os cursos das escolas médias técnicas, neste caso, os Institutos Industriais de Lisboa e Pôrto, e o nosso Instituto, passaram a tomar o título de engenheiros auxiliares.

Ora êste facto provocou uma grande campanha, por parte dos alunos do Instituto Superior Técnico e da Faculdade Técnica do Pôrto e bem assim de alguns engenheiros formados por estas escolas.

Campanha que denominaram *defesa do título de engenheiro* e que tem por fim fazer, que seja revogado o decreto acima citado.

Será justo o título de engenheiro auxiliar?

O que é facto é que a referida lei foi aprovado no Senado quasi que por unanimidade, senão estou em erro, teve apenas um voto contra e na Camara dos Deputados por grande maioria.

Alegam alguns que êle dará lugar a confusões.

1924

Não. Porque a missão do engenheiro pelas escolas superiores e a do engenheiro auxiliar, está bem definida e não haverá divergências colocando-se cada um no seu lugar.

De resto, não é o nosso país, o único em que se formam engenheiros auxiliares, a França por exemplo, tem escolas destinadas a esse fim.

A questão tem sido muito debatida e sobre ela tem-se escrito muito, talvez de mais, e o caso parece-me, que não é para tantas literaturas. Mas, isto já é crónico entre nós, e a questão prolongar-se há e naturalmente terminará com honra para ambas as partes, que são os desejos de toda a gente sensata.

Os engenheiros auxiliares, em nada incomodarão, os formados pelas escolas superiores, pois que, as suas missões, na vida prática não provocam confusões nem divergências.

E a respeito da concorrência, também nada terão a temer. Afinal entre nós, são os engenheiros pelas escolas superiores que fazem concorrência aos engenheiros auxiliares, ocupando lugares que estes deveriam ocupar.

Tem aparecido na imprensa várias opiniões, sobre os cursos professados nos Institutos Industriais, quasi todas erróneas e algumas disparatadas, mostrando completa ignorância dos programas.

Assim já houve quem comparasse estes cursos com os primeiros anos dos liceus. Se isso fôsse verdade, compreende-se que o título de engenheiro auxiliar seria injusto, e naturalmente era o que autor queria demonstrar aos que não conhecem os referidos cursos.

Já que falo em programas devo acrescentar que comparando os programas das escolas médias com os das escolas superiores, não se notam grandes diferenças. A única diferença que apresentam as escolas superiores é o curso ser mais demorado. Mas em compensação nas escolas médias há maior número de tempos de aula por semana.

Quanto mais não seja, o título de engenheiro auxiliar, é o justo prêmio de 4 anos de trabalho rude e assiduo, por vezes ingrato.

António B. Vieira
2.º ano da especialidade de C. Civis

Secção Scientífica

A indústria do cimento

A oficina de construção de barricas encontra-se excelentemente montada com máquinas perfeitíssimas, que rápida e continuamente tra-

balham, produzindo um número elevado de barricas por dia.

A descasca dos troncos de árvores, a sua serragem em aduelas, o transporte destas para a estufa onde recebem uma corrente de vapor de água de maneira a obter a sua curvatura, a ligação das aduelas, o fabrico dos tampos, a colocação destes, o corte de arcos de ferro, a sua cravação enfim, é tudo feito mecânicamente, empregando um reduzido número de operários que andam dum lado para outro azafamados.

Esta oficina é um pouco afastada da oficina de embarricamento sendo o transporte das barricas feito por umas calhas inclinadas pelas quais as barricas vão rolando a pouco e pouco.

Seguidamente as barricas são colocadas na parte inferior duns cilindros compressores que comprimem em cada barrica 180 quilos de cimento.

Logo que a barrica está cheia coloca-se-lhe o outro tampo.

Resta-me ainda falar do laboratório de ensaios.

E' talvez da rigorosa análise dos elementos que constituem o cimento «Liz», e dos ensaios escrupulosos a que êle é submetido, que lhe resulta a sua superioridade sobre os outros cimentos tanto nacionais como estrangeiros.

Nos laboratórios de cada fábrica segue-se o método de ensaios escolhido pelo critério do Francês, analista.

No laboratório da empresa do «Liz» adoptam-se nada menos de 3 métodos: o método francês, o belga, e o método vulgar.

Possui o laboratório, balanças de um rigor extraordinário que pesam as proporções dos elementos do cimento.

Há a distinguir duas espécies de ensaios: os ensaios físicos, e os ensaios químicos.

Os ensaios químicos fazem-se para determinar a resistência do cimento aos diversos agentes que actuando duma maneira]continua ou alternada sobre êle, lhe vão modificar a sua constituição íntima.

Os ensaios físicos são destinados a fixar os limites máximos das acções mecânicas que sobre o cimento podem actuar, e além dos quais perigues a coesão do cimento ou a sua aderência.

Para se proceder aos ensaios químicos estavam vários tijoletes de cimento submersos em líquidos diferentes dentro de tinas.

É curioso notar o seguinte: os diversos tratados e livros sobre cimento afirmam ser este de fraca resistência aos sulfatos, e que passados alguns meses de imersão, as qualidades

da resistência do cimento desaparecem, desagregando-se completamente.

Pois na ocasião em que visitámos a fábrica tivemos ensejo de observar que um tijolete de cimento «Liz» mergulhado desde Fevereiro d'êste ano, se conservava resistente como se tivesse lançado nêsse momento no sulfato. A visita efectuou-se em Julho, havendo portanto já cinco meses que o bloco de cimento estava imerso.

Para os ensaios físicos havia um aparelho para determinar a resistência do cimento à compressão; um aparelho «Michaelis», para achar a resistência à tracção, e vários outros pequenos aparelhos doutros tipos para os mesmos fins.

O facto que notei acima, de o cimento «Liz» resistir à acção dos Sulfatos, fará com que êle conquiste mais um elemento de supremacia, dos muitos que já tem sobre outro qualquer cimento.

A Empresa de Cimento de Leiria realiza já uma regular exportação. Esta fábrica que é um eloquente testemunho da energia da nossa raça, terá certamente um futuro muito próspero.

Nascida a ideia da sua construcção no cérebro dum português ilustre, o distincto engenheiro Ex.^{mo} Sr. Rocha e Melo, construído com capitais portuguezes e por portuguezes ella honra sobremaneira a indústria de Portugal.

E' mais um exemplo de vitalidade da nossa Pátria a apontar áqueles que descreem da sua força e do seu progresso.

Porfírio Ferreira dos Santos

2.^o anno da especialidade de máquinas



A nossa balança económica

Vimos na outra parte deste artigo, de uma maneira bem resumida, o estado da nossa Balança do Comércio.

Continuando a análise dos outros factores que influem na Balança Económica vem nos em seguida o segundo elemento,

2.^o) *Despesas de transporte de mercadorias exportadas.* A Balança do Comércio pode ser desfavorável, sem que contudo a Balança Económica o seja. Isto mesmo se conclue da definição que demos a principio de Balança Económica, por isso que, se houver outro ou outros elementos que se nos apresentem em boas condições, o total do valor dêstes, pode cobrir o total dos pagamentos.

Ora isto não se dá em Portugal, como vamos

ver na sumária descrição dos restantes elementos.

As mercadorias exportadas têm maior valor no porto de destino do que no de embarque, porque os transportes e seguros das referidas mercadorias, vão aumentar o valor das mesmas, por forma tal, que chegam a ser accrescidas de mais de um têtço do seu valor.

E' tão importante êste elemento e pode atingir uma cifra tal, que alguns países há, em que sendo o valor das importações maior que o das exportações, conseguem quasi restabelecer o equilibrio da Balança Económica, pelas receitas que obtêm pelo transporte e seguro das mercadorias importadas e exportadas, que de do próprio paiz quere dos outros.

Já assim não succede entre nós, sendo o transporte das mercadorias feito quasi exclusivamente pelos estrangeiros, succedendo o mesmo com os seguros. O mesmo facto se oberva com o transporte da população emigrante portuguesa, o que origina uma saída de ouro como facilmente comprehendemos.

Se tormarmos um diário portuguez e ai procurarmos o movimento do porto, veremos que a totalidade dos navios entrados e saídos é constituída quasi exclusivamente por navios estrangeiros.

Os navios da nossa marinha mercante resumiam-se até há poucos anos, a navios destinados ao tráfico da pequena cabotagem, isto é, á navegação costeira do continente portuguez, exigindo por isso uma pequena tonelagem. Daqui resultou a rápida decadência dos nossos estaleiros, a ponto de quasi por completo desaparecerem. Actualmente já possuímos navios de grande cabotagem e longo curso, mas que ainda têm pequena tonelagem e são em diminuto número.

Em face disto, comprehende-se a absoluta necessidade de dar maior incremento á nossa marinha mercante, afim-de não só evitar a saída de numerário, mas também a provocar a sua entrada.

Para se conseguir êste fim, seria preciso uma grande energia, para fazer concorrência ao estrangeiro que aqui está fixando desde longa data, e para não deixar abortar essa iniciativa que seria de um alevantado espirito patriótico.

Reconhecendo as grandes vantagens que adviriam para a Economia Nacional fundou-se uma companhia denominada: Companhia Transatlântica Portuguesa de Navegação que destina os seus navios a carreiras onde não exista a navegação portuguesa.

Era provavelmente com o fim de obstar que as nossas mercadorias e emigrantes fos-

sem transportados em navios estrangeiros, que se criaram os Transportes Marítimos do Estado. Porém, como os diários ainda há pouco se referiram a má administração e outras causas, trouxeram um resultado contrário aquele que se esperava, isto é, em vez de lucros o Estado teve enormes prejuízos, que seriam forçosamente evitados, desde que á testa dos Transportes Marítimos do Estado estivesse uma administração que acima de tudo collocasse os interesses da pátria, e tivesse cumprido o seu dever que calcado aos pés deu conseqüentemente a liquidação dos Transportes Marítimos do Estado.

3.º *Juros dos capitais collocados no estrangeiro* — Os países que possuem grandes capitais collocados fóra das fronteiras, encontram aí uma grande fonte de riqueza, por isso que esses capitais produzem juros ou lucros industriais que vão entrando no país.

Vemos assim a Inglaterra, a França, a Itália e outros países tirarem deste elemento uma boa quota parte das suas receitas.

Já entre nós não acontece outro tanto mas pior ainda, em vez de recebermos juros ou lucros industriais, temos de os pagar. E infelizmente esses juros e lucros industriais, não diminuem, aumentam considerável e lamentavelmente.

Assim crescem assustadoramente os encargos do Estado, ao qual é preciso ir procurar auxilio, no património que nos foi legado pelos nossos antepassados, para poder quitar os seus compromissos.

Poucos são os capitais portugueses que se encontram fóra do país que alguma coisa rendam, os quais produzem um diminuto juro, que é insignificante, em comparação ás dezenas de milhares de contos do nosso déficit da importação e exportação.

Observa-se até pelo contrário, que são grandes os capitais estrangeiros particulares dentro da nossa fronteira, os quais são empregados na exploração de fontes de riqueza, pois que os capitais nacionais na incertesa da importância dos lucros que poderão auferir, abstêm-se de circular.

Esses capitais estrangeiros obtêm lucros industriais, que ou são obtidos logo dentro do país pela venda desses produtos que são objecto da industria, ou pela remessa desses produtos para o estrangeiro sendo o único lucro, para nós, constituído pelo imposto sobre exportação.

Em lugar de divagações poderíamos concretizar este elemento bem como o anterior com números que melhor explicariam o que

pretendemos, mas a falta de tempo evita que assim se proceda.

Limitar-nos-hemos por isso a transcrever aqui, os resultados que obteve o sr. Anselmo de Andrade para o ano de 1918.

Segundo o referido senhor na sua obra «Portugal Económico», o total dos capitais nacionais collocados no estrangeiro era de 30.000.000\$00.

Ora succede que os capitais portugueses vencem 1 ou 2% de juros quando collocados nos bancos estrangeiros, e 3 ou 3 1/2 % quando empregados em fundos públicos. Daqui se conclue que mesmo dado o facto de estarem todos os capitais a render 3 1/2 %, obteriamos o máximo de 1.050.000\$00.

(continua)

Luis Augusto Gil

2.º ano da especialidade de comércio



Preparação do éter sulfúrico e suas aplicações

Na química dá-se o nome genérico de éter a todos os compostos que derivam dos álcoois, pela substituição dos oxidrilos por radicais alcoólicos ou ácidos.

Entre eles distinguem-se os éteres óxidos que se obtêm fazendo actuar os clorotos, brometos ou iodetos alcoólicos, e os éteres sais que resultam da acção que um ácido pode exercer sobre um álcool.

É no primeiro grupo que está incluído o óxido de etilo muito conhecido pelo nome de éter ordinário, e que é conhecido no comércio pelo nome de éter sulfúrico, devido ao seu modo de fabricação.

Na medicina é empregado juntamente com o ar, dando um composto anestésico.

Mas onde o encontramos mais empregado é na industria devido ás suas propriedades de dissolvente.

É devido a essa propriedade, que o éter é empregado na pólvora sem fumo, no fabrico da seda artificial, nas matérias tanantes etc.

Na seda artificial ou vegetal, o éter juntamente com o álcool e o algodão pólvora não contendo mais de 11,5% de azote, dão uma mistura que se chama colódio. Esse colódio é depois reduzido a filamentos que em seguida são desnitrificados por meio de sulfato de amoníaco ou de magnésio; estes filamentos são depois remetidos á industria têxtil.

Como se disse já, outro dos seus empre-

gos é na preparação da pólvora sem fumo; gelatizando o algodão pólvora numa mistura de álcool e éter obtém-se pólvora comum coeficiente de combustão muito moderado e regular.

Outra das suas aplicações era nas antigas chapas fotográficas então preparadas com colódio e que actualmente são substituídas pelas chapas gelatino-brometo de prata.

O éter é preparado na indústria em aparelhos cujo fim é a desidratação do álcool étílico ou etanol em presença dum elemento catalítico que geralmente é o ácido sulfúrico.

O ácido sulfúrico agitado a frio sobre o álcool dá ácido etil-sulfúrico e água; o ácido etil-sulfúrico aquecido a 140°, reage sobre uma nova quantidade de álcool dando óxido de etilo e regenerando o ácido sulfúrico.

O ácido sulfúrico regenerado actua por sua vez sobre o álcool dando água e ácido etil-sulfúrico, e assim sucessivamente.

Pela teoria parece que a quantidade de éter assim obtido, seria ilimitada; na prática tal não sucede porque o ácido vai-se transformando em anidrido sulfuroso devido á acção do álcool.

E tanto assim é, que o ácido tem um poder eterificante de 23 vezes o peso do álcool empregado.

Muitas fábricas em vez do ácido sulfúrico empregam o ácido fosfórico xaroposo, outras precipitam o alumínio a seco sobre o etanol á temperatura de 240.º e outras ainda empregam o cloreto de zinco, o ácido arsénico etc.

O ácido sulfúrico só se emprega quando concentrado a 66.º Beaumé e o álcool a 95.º Gay-Lussac.

Para desembaraçar o éter do ácido que o acompanha, emprega-se a soda cáustica.

As proporções para 100 kilos de éter são: 4 kilos de ácido sulfúrico, 240 litros de álcool e 40 gramas de soda cáustica.

Os aparelhos industriais, na sua generalidade, são compostos de um eterificador no qual se efectua a desidratação do álcool, dum saturador no qual o ácido é neutralizado, e uma série de recipientes que servem para separar o éter dos elementos que o acompanham como sejam a água de desidratação e o álcool eterificado.

Para se ver a quantidade de éter que se produz em todo o mundo, basta dizer que os aparelhos que o fornecem ás fábricas de seda artificial produzem em média 10:000 kilos em 24 horas.

Alcino Pires

1.º ano da especialidade de comércio

O ângulo facial

Segundo os fisionomistas pode medir-se a capacidade do crâneo, isto é, o desenvolvimento cerebral e por consequência a inteligência dum individuo por meio dum ângulo chamado *ângulo facial* (também denominado ângulo facial de Camper por ter sido estudado por este antropologista), que vem a ser o ângulo formado pela linha que une a parte mais saliente da testa, com a espinha nasal inferior, ou seja o ponto onde quasi se juntam as narinas e com uma linha que vai da dita espinha nasal, até ao canal auditivo externo.

A abertura deste ângulo varia de raça para raça

Tomemos, para exemplificar, um individuo branco e outro negro; nota se mui facilmente, que a abertura diminui do primeiro para o segundo. Se tomar-mos ainda um preto e um macaco, observa-se também uma variação do exemplar racional para o irracional, em favor do primeiro.

Estudos aturados e precisos, accusam, para a raça europeia uma média de 80 a 85 graus; para raça mongólica a de 75 graus; de 70 a 72 para a negra e vai desde 30 até 65 nas diversas espécies de macacos.

E' evidente que os números acima escritos, são resultados gerais, e de maneira alguma absolutos, pois que se o fossem, julgar-se-ia, por exemplo, que todos os brancos tinham maior capacidade intelectual do que os individuos pretos, o que nem sempre é verdade.

Vê-se, no entanto, que é no género humano que se encontram as maiores aberturas, as quais decrescem á medida que se desce na escala animal.

Este facto fisionómico parece já ter sido conhecido, ou pelo menos adivinhado, entre os artistas da antigüidade, principalmente grega, quando para representarem os deuses da mitologia, lhes davam ângulos muito abertos, sem se afastarem, contudo, do culto da beleza e da Arte.

Sebastião Gonçalves Pereira

1.º Ano da especialidade de comércio



O Profissional ao começar o novo ano cumprimenta todos os seus leitores, desejando-lhes umas festas muito felizes, e que o ano de 1925 seja para todos cheio de prosperidades,

Acentuação gráfica

A acentuação gráfica tem de satisfazer a dois pontos principais.

1.º Indicar quais os vocábulos átonos e quais os tónicos, e nos últimos a sílaba predominante, caso tenha mais de uma.

2.º Indicar a diferença de dois vocábulos, que escrevendo-se do mesmo modo tenham aliaz pronúncia diferente.

Nos vocábulos temos a considerar 3 casos: monossílabos, dissílabos e polissílabos, conforme têm uma, duas, ou mais sílabas.

Nos monossílabos e dissílabos temos ainda a considerar os vocábulos tónicos, como *dó*, *pêlo* e vocábulos átonos, como *do*, *pelo*.

A sílaba predominante dos dissílabos tónicos pode ainda ser a primeira *mares* ou a segunda *marés*. Os dissílabos tónicos podem ter como sílaba predominante a última, a penúltima ou a antepenúltima:

Gosará, gosara, gosáramos

Conforme a sílaba predominante é a última, a penúltima ou a antepenúltima, assim os vocábulos são chamados: agudos ou oxítonos, graves, inteiros, ou paroxítonos e exdrúxulos ou proparoxítonos.

Nenhum vocábulo tem a acentuação antes da antepenúltima sílaba; há dições formadas de verbos unidos a pronomes por um hífen, mas em nada modificam a regra: *lávamo-lo*.

O acento agudo usa-se na escrita para assinalar a vogal dominante na sílaba tónica se é: *a, e, o* abertos e *i* ou *u*.

O acento circunflexo se é: *a, e, o* fechados.

O til tem o valor de acento tónico, se no vocábulo não está marcado outro qualquer: *fútil*, *indulgência*, *órfão*, *maçã*:

O acento grave serve para designar o verdadeiro valor alfabético das vogais *a, e, o* quando não forem tónicas.

sózinho.

O trema emprega-se no *i* e no *u* átonos para indicar que estes fonemas não formam ditongo com a vogal precedente, quando átonos.

Vocábulos não acentuados

Monossílabos e dissílabos átonos *os, as, los, nas, me, mas, te, no-las, vo-las, que, tam* etc.

Monossílabos tónicos terminando em *em* e *ens, bem, cem, tem* etc. Formas verbais tendo a penúltima sílaba predominante e terminando em *am* e *em, amem, amam, tenham, vejam* etc.; e substantivos dissilábicos e polissilábicos em *em* e *en* nas mesmas condições anteriores: *bagagem, bagagens, aragem, aragens* etc. Monossílabos e dissílabos e polissílabos tónicos ter-

minando em *i, u* vogal nasal, ditongo, podendo ou não serem seguidos de *s*, ou qualquer outra consoante:

aqui, amor, emir, rever, jejum etc. Os dissílabos com a penúltima sílaba predominante e terminando em *as, es, os*:

camadas, portugueses, devotos etc.

A. Pires

1.º ano da especialidade de Comércio



O Automatismo

O automatismo revela-se no individuo pela realização de actos involuntários, como que feitos sem a intervenção da vontade própria, isto é, maquinalmente.

O automatismo é o assunto duma teoria célebre que admite que os actos do organismo vivo são produzidos devido a uma excitação interna sem que para isso tenha contribuido a vontade.

Vejam os como é explicada esta teoria segundo Descartes.

Admitia este sábio que no cérebro se achavam reunidos os *espíritos animais*; ora estes espíritos sob uma impressão, fôsse, ela qual fôsse que abalasse os sentidos, deslisariam ao longo dos nervos, dando lugar a que um determinado órgão se movesse.

Pretendia Descartes demonstrar com isto que a alma nada tinha com os movimentos de defesa, com a respiração etc. e applicava esta teoria sobretudo aos animais que considerava unicamente puras máquinas, o que indicava que não tinham inteligência, nem faculdade de procedimento.

Mas foi porém, só no século XIX que devido aos esforçados trabalhos de Magendie, C. Bell e outros, que mais, se desenvolveu a teoria do automatismo, sendo esses trabalhos sobre as propriedades centrífugas do influxo nervoso; desenvolveram ao mesmo tempo, a noção dos actos reflexos, sobre que assenta a teoria.

A anatomia contribuiu poderosamente para as investigações que se fizeram, tendo-se observado na espinhal-medula centros de células que eram mais ou menos desenvolvidas conforme correspondiam a um órgão mais ou menos importante.

O microscópio auxiliava estes estudos e por meio dele se via que existiam células cinzentas as quais imitiam como as células do cérebro tubos nervosos que se juntavam aos feixes dos órgãos cerebrais, ao mesmo tempo

que recebiam outros tubos dos órgãos situados na periferia.

E' fácil compreender que qualquer impressão recebida pelo individuo na periferia do corpo transmita pelo nervo centripeto a um centro, ao cérebro, havendo depois um retrocesso da primitiva impressão através do nervo centrifugo para o órgão que primeiramente a tinha emanado.

Nota-se que o homem é de todos os animais aquele em que o automatismo é mais diminuto, embora haja individuos que podem ser conduzidos ao mais completo automatismo, como nas conhecidas experiências do hipnotismo.

Sebastião dos Santos Pereira

1.º ano da especialidade de comércio

Secção Literária

A Lavadeira

Lesta como um passarinho, fresca qual despontar de alvorada, ela deslisa por entre o escarpado ingreme da montanha, dirigindo o seu irrequeto olhar, lá para baixo, para as cristalinas águas do ribeiro, que preguiçosamente estendiam os seus braços, num amplexo amoroso, para o verdejante relvedo.

No espaço, numa algazarra infantil, discute a doida passarada, a supremacia dos fados ou canções, entoando mil gorgeios de amor sincero.

Junto ao ribeiro, já, a lavadeira contempla o panorama sublime que a Natureza ofertou ao seu encantado olhar.

Além, no cimo dum monte, jazem adormentadas, as ruínas dum moinho velho, ladeadas por pinheiros esguios e nus, como a sombra parda de atrozes fantasmas. A linha branca dum caminho, desce, em curvas inebriantes ao longo do monte, até vir morrer aos pés da casaria alegre duma aldeia. E assim, junto a um dos mais delicados cabelos de Neptuno, ela deleitava-se extasiada perante aquela paisagem magnífica.

Aborrecida, talvez, de tanto contemplar, num movimento despreocupado ergueu a saia rubra como uma papoila, pondo a descoberto um joelho delicado...

Cuidadosamente, ela, deixou que a farta e azulada cabeleira Neptunina aprisionasse a alvura dos seus infantis tornezelos.

E começou a sua faina, talvez extenuante,

perfumando a atmosfera com o ritmo compassado e feminino da sua voz sedutora.

A' tardinha, quando o sol num adeus apaixonado, olhava a terra indiferente e fria, e, beijava com o ténue ardor dos seus últimos raios, a verdejante e deserta campina, ela... a lavadeira morena, a mais pura descendente de Agar, voltava triunfante ao seu ninho amoroso, à sua casinha branca, onde a alegria campesina, a esperava de braços abertos, para orcular as suas faces de moira encantada.

Aldemiro Pires

1.º ano da especialidade de comércio



A Minha Aldeia

Tradução livre da poesia francesa «Mon Village»

Já viste a minha aldeia bela e pura
Mirando-se vaidosa no regato?...
Emoldurada na fresca verdura,
Dum ninho tem o mimo doce e grato.
Minha casa, refúgio da Ventura,
Lembra dum berço o encanto e o recato;
Já viste a minha aldeia bela e pura
Mirando-se vaidosa no regato?...

Longe do mal e da devassidão
Das cidades, neste torrão sem fel,
Cultivo um fértil pedaço de chão,
Um quintalzinho perto dum vergel.
Sem remorsos, sem dores, sem ambição,
Corre-me a vida, doce como mel,
Longe do mal e da devassidão
Das cidades, neste torrão sem fel.

Quando a tua voz, ó sino cristalino,
Retine, bela e sã, na redondeza,
Chamando, nesses tom de voz divino
Os pastores e os carneiros á devesa,
Pra o meu torrão, alegre, me encaminho,
Trauteando uma ária camponeza.
Quando a tua voz, o sino cristalino,
Retine, bela e sã, na redondeza.

António Marcelino

2.º ano da especialidade de comércio

Secção Desportiva

Banhos de ar e de Sol

(Continuação)

O banho mais simples e comodo é aquele que o individuo toma passeando no quarto de dormir, com a condição do ar dêsse quarto estar puro, o que se consegue conservando as janelas abertas durante uma ou duas horas.

Os principiantes devem tomar este banho com as janelas fechadas e acompanhá-lo de alguns movimentos, principalmente de fricções de pele.

Para um principiante e até mesmo para uma pessoa costumada a tomar banhos de ar pode ser perigoso transpirar, quando esse banho de ar não é seguido de um banho de água ou, pelo menos de fricções vigorosas. É muito menos perigoso ter frio quando a pele está seca do que quando está húmida.

Os banhos prolongados de ar e de sol sobretudo ao principio, provocam o sono; constituem por consequência excelente meio de combater a insónia. O banho de ar é o menos violento e o mais económico de todos os banhos, razão porque convem ás pessoas fracas e nervosas, que não podem ou não querem tomar banhos a baixa temperatura.

Os antigos gregos, que como se sabe, cultivavam com esmero o desenvolvimento do corpo, executavam os seus exercicios ginásticos ao ar livre completamente nus; a epiderme destes homens tinha a cor semelhante á do bronze, e, apesar da sua finura assetinada, era resistente e respirava perfeitamente.

A pele deve ser considerada como o único fato desportivo racional. Porque como sabemos a pele exala ácido carbónico, vapor de água e diversas substâncias tóxicas e absorve uma certa quantidade de oxigénio; por consequência, respira como os pulmões. Compreende-se, pois, que esta respiração cutânea é modificada dando lugar a alterações de saúde todas as vezes que os poros da pele não estão desobstruídos ou que os fatos numerosos e espessos a contrariam. Pelo contrário a pele que respira sem dificuldade e profundamente por todos os poros e que está habituada aos banhos de ar e de sol, ás fricções e aos outros cuidados que a pele exige, possui em alto grau o poder de purificar e enriquecer o sangue, — e um sangue puro e bem constituido é a base *sine qua* de um organismo robusto e resistente.

Por aqui se vê, a vantagem que há em que os exercicios fisicos se façam com um número reduzido de peças de vestuário, o ideal seria estar inteiramente nu e num ambiente de ar puro.

A significação literal própria da palavra ginástica comprova a verdade destes conselhos:

Ginástica, é a arte de desenvolver o corpo nu.

J. de Faria e Silva

2.º ano da especialidade de Const. Civis.

Campeonato de Foot-hall

Escolas secundárias

Teve inicio o Campeonato das Escolas Secundárias no domingo de 14 de Dezembro.

Designou a sorte que se defrontassem no primeiro desafio o grupo dos Pupilos do Exército com o grupo da Escola Académica.

As 13,15 entra no campo o árbitro, Sr. tenente de artilharia Rebelo de Almeida.

Eram 13,21 quando o árbitro dá inicio ao jogo saindo a Escola Académica com o Sol a favor.

Ainda não se tinham passado 2 minutos quando os avançados da Académica numa boa avançada rematam fortemente ás rêdes dos Pupilos, mas Vasconcelos que está sempre atento defende efectuando um encaixe muito... vistoso.

Eram passados 6 minutos de jogo quando foi registrada uma grande penalidade contra a Escola Académica, penalidade que foi transformada em goal.

Entre outras nota-se uma avançada da Escola Académica que não marcou devido ao seu interior esquerdo ter caído.

Raúl ao rematar uma bola a 2 metros das balizas, remata de tal maneira alto que dá idea... que as pupilas se lhe dilataram.

Há ainda mais algumas jogadas sem importância, terminando a primeira parte deste encontro com o resultado 1-0 a favor dos Pupilos.

Eram 13,57 quando o árbitro apitou dando assim começo á 2.ª parte deste encontro.

A primeira penalidade contra os Pupilos é devida a Raúl, que desde o principio nos vem dando a impressão de não saber distinguir as mãos dos pés.

Em seguida nota-se uma série bastante grande de ataques ás redes da Escola Académica sobresaíndo em todos elles S. Lino que vem desempenhando o seu lugar muitissimo bem.

Eram 14,10 quando Folgado que contra todas as expectativas estava jogando muito bem, vindo auxiliar a defeza, ao tentar fazê-lo, fê-lo tão desastradamente que o esférico foi bater nas costas de Figueiredo, anichando-se em seguida nas rêdes dos Pupilos sem possível intervenção de Vasconcelos.

Gonçalves desde o principio vem fazendo jogo com o muro porque este estava por detrás das balizas.

Nesta parte marcam-se 3 cantos sendo um contra os Pupilos. Todos elles foram bem marcados, mas qualquer deles foi mal aproveitado.

Mousinho ao correr para a bola choca com

o interior esquerdo magoando-se pelo que saiu do campo entrando novamente passados alguns minutos.

Em seguida Carvalho, da Académica, ao tentar aliviar mete mão na área da grande penalidade, Silva ao marcar envia a bola para as mãos de Queirós.

Este ao tentar encaixá-la, o que não conseguiu, deu ocasião a que Silva rematasse novamente indo bola a anichar-se pela segunda vez nas redes da Escola Académica.

Em seguida Vasconcelos ao fazer uma defesa abandona as redes dando lugar a que os adversários actuassem e as pusessem em perigo.

Nos últimos minutos de jogo o juiz de linha chama a atenção do árbitro para a deslealdade com que Figueiredo carregara um adversário dentro da área da grande penalidade.

O árbitro como não tinha visto tal facto marcou bola ao ar o que se agradou a gregos, não agradou a troianos.

E assim terminou o desafio Pupilos — Académica com o resultado 2-1 a favor dos Pupilos. Neste desafio notou-se o seguinte:

Na linha avançados boa combinação entre o centro e o interior esquerdo.

Na meia defesa, o esquerdo bom.

Na defesa, o direito regular.

A. Pires

1.º ano da especialidade de comércio



A nossa Associação Escolar

Já não há nada que nos leve a duvidar da fundação da nossa Associação Escolar dentro de poucos dias.

Porém, antes de começar a minha exposição sobre o assunto devo dizer que o que vou apresentar são simplesmente pontos de vista nossos, os quais desejariamos ver realizados, mas como se sabe num estabelecimento de ensino desta ordem tudo está dependente das instâncias superiores, que estou certo não hesitarão em atender na medida do justo, razoável e educativo,

Quási 14 anos são decorridos sem se ter feito o que deveria ser logo das primeiras coisas a realizar. E se, se deixou chegar ao ano lectivo 1924-1925 sem isso se ter feito foi em virtude de muitas e variadíssimas causas cuja análise não vindo agora a propósito teria ainda o inconveniente de maçar o leitor.

Encarecer a utilidade da nossa Associação escusado seria até fazê-lo, mas diga-se contu-

do alguma coisa ainda que muito resumidamente.

São fins da Associação Escolar: promover e desenvolver a cultura literária, científica, artística e o gosto artístico e ainda promover e desenvolver a cultura física dos seus associados, e principalmente intensificar as relações entre alunos e ex-alunos, ou seja, entre estes e o Instituto, fazendo assim perdurar nos ex-alunos as ideias de gratidão que eles devem a este estabelecimento que os instruiu, educou, preparando-os para a luta da vida; intensificar igualmente as relações entre o Instituto e as outras escolas; organizar excursões de carácter recreativo e ao mesmo tempo de propaganda do Instituto.

Está portanto, compreendido nos fins da Associação Escolar tudo o que num meio escolar como o nosso se pode fazer e tão útil é que se faça.

Terá a Associação Escolar as seguintes secções: Desportiva, Literária e Científica, Arte e Jogos de Salão, Caixa de Excursões.

Cada secção está por sua vez dividida em duas sub-secções correspondentes às duas Secções do Instituto. A frente de cada secção deverá estar um Snr. oficial ou professor do Instituto e o cargo de presidente será também ocupado por um Snr. oficial ou professor em serviço no Instituto. Dentro dos fins da Associação muito se pode e deve fazer. Assim olhemos para um dos que deve merecer maiores atenções — é o que diz respeito, aos ex-alunos desta casa. Ninguém ignora quanto as relações que prendem os ex-alunos ao Instituto não tem o carácter de dedicação, interesse e mesmo carinho que em geral os ex-alunos de algumas outras escolas votam as escolas donde saíram.

Bastante se poderia conseguir neste sentido, se o Grémio Pupilos do Exército fôsse o que deveria ser uma associação de ex-alunos dos Pupilos, pois bem intencionados e dispostos a trabalhar há no Grémio apenas um reduzido número.

Há quem duvide, talvez com razão, de que os ex-alunos correspondam ao apêlo da Associação, vindo até junto dela prestar-lhe a sua cooperação, e tão pequeno ela é que, se pode dizer, não passa dum bocadinho de boa vontade da parte de cada um, mas o seu somatório será um grande e valioso auxilio para a Associação.

E' claro que a Associação se merece a todos o interesse de que é crédora, como estou certo, irá alargando o âmbito da sua acção e assim que as suas possibilidades permitam ela tomará o carácter filantrópico com o que muito

virão a beneficiar os alunos e mesmo os ex-alunos que ocorrem ao seu amparo.

Sobre as nossas relações com o meio académico, todos sabem quanto dele vivemos afastado, o que evidentemente não admira em virtude do que se passa com os ex-alunos.

Para se conseguir todos estes fins considero indispensável que a Associação tenha uma autonomia bem defenida; que seja uma coisa caracteristicamente dos alunos, não quere isto dizer que se exclua a intervenção de oficiais, mas sim que esses oficiais sejam escolhidos independentemente de nomeação oficial.

Afinal não é mais do que isto: « quem tiver de trabalhar para a Associação, faça-o por sua vontade e não por ser obrigado. »

Sobre a pessoa que há-de dirigir a Associação Escolar não cabe aqui lembrar nomes, porquanto nem me compete, nem de qualquer forma posso fazê-lo pois isso poderia acarretar melindres para alguém. Cresce que todos oficiais e professores desde o iniciador, isto é, o professor que lançou a ideia, até aos que por circunstâncias várias só agora dela tomaram conhecimentos todos pela forma com a aceitam decerto desempenharão esse alto cargo com toda a dedicação.

A comissão encarregada de elaborar os Estatutos já fez entrega dos mesmos do Ex.^{mo} Sr. Director do Instituto, propondo-lhe que a inauguração da Associação Escolar se realize no próximo dia 29 de Janeiro.

E' intenção da mesma comissão realizar nesse dia uma pequena festa desportiva, para a qual serão convidados a colaborar e a assistir os ex-alunos.

Termino pedindo a todos que possam auxiliar a « Associação Escolar do Instituto dos Pupilos do Exército » que o façam dentro do limite das suas forças para quo ela possa ser digna do modelar estabelecimento de ensino que é o Instituto. Recordemos sempre a divisa do Instituto e que é também a da Associação:

Querer é Poder

assim reza o §2.º do art. 1.º dos Estatutos.

Vasco Martins

2.º ano da especialidade do comércio



Nunca nos falta dinheiro para os nossos caprichos; só regateamos o preço das coisas úteis e necessárias.

Balzac

CEOS

Foram admitidos à Escola Militar onde vão frequentar o curso de Administração Militar os nossos ex-colegas: Dias, Salgueiro, Neves, Santos, Domingos e Arménio.

A todos *O Profissional* deseja um risonho futuro.



Ordem do Instituto n.º 131 de 25-11-924 diz:

Que lhe é muito agradável registar a oferta a este Instituto feita pelos alunos n.ºs 193 Pedro da Conceição Mousinho, e 269 João Pires Antas ambos do curso de Máquinas (1.º ano) das fotografias de alguns interessantes exemplares de máquinas a vapor, procedimento este que atesta o interesse que a tais alunos lhes merece o progresso do ensino da sua especialidade e o Instituto que lho faculta.



Em férias do Natal o Ex.^{mo} Sr. Cap. tenente Miguéis, ofereceu as bróas aos alunos das oficinas que superiormente dirige, gentileza que agradecemos.



Partiu durante as férias grandes para África o Ex.^{mo} Sr. capitão Oliveira Pinto, onde está desempenhando o cargo de ajudante de campo do Governador de Moçambique.

Os alunos do Instituto desejam-lhe inúmeras felicidades.



A *O. E.* n.º 23 de 21 de Novembro deixa de fazer parte do C. da Ordem Militar de Aviz o Tenente Coronel de engenharia Silveira e Castro e nomeado para fazer parte do mesmo o Sr. Capitão Carlos Oom.

Necrologia

Faleceu em Dezembro último vitimado por uma meningite, o nosso camarada Fernando Ferreira Ribeiro.

Apresentamos à sua familia as nossas condolências.



Vitimado por uma terrível doença faleceu há pouco tempo o nosso ex-colega Julio Conde.

A' familia enlutada envia *O Profissional* os seus sinceros pesames.

A Direcção